

ÉTICA, VALORES E SENTIDO DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

REDE DE ENSINO
Instituto Jáfia

CURSO LIVRE DE PSICOTEOLOGIA
"Aconselhamento Cristão"

ÉTICA, VALORES E SENTIDO DO
ACONSELHAMENTO CRISTÃO



Rede de Ensino
Instituto Jáfia
Ensinando vidas para transformar esta geração

Introdução

Quando mergulhamos nos quatro evangelhos, vemos que nosso Senhor Jesus Cristo tratou não só situações de escassez ou enfermidades físicas, mas também situações emocionais e psicossomáticas.

Deus nos criou um ‘**espírito**’, que possuímos uma ‘**alma**’ e moramos em um ‘**corpo**’ – e cada parte dessa composição foi desajustada pela desobediência de Adão e Eva, por isso, podemos ter problemas e enfermidades em qualquer uma dessas áreas.

É bem verdade que não podemos descartar a hipótese de ser de cunho “**espiritual**”, porém, temos que ter discernimento para identificar quando o problema é “**alma**”, e quando a enfermidade se tornou “**física**” e está atingindo o “**corpo**”.

A gama de problemas emocionais e psicossomáticos cresce à cada dia, sem contar, que tem afetado o ser humano em graus e dimensões diferentes. Não é possível prever as reações ou sequelas que um problema psicossomático vai causar com exatidão, pois somos seres “**únicos**”.

Cada pessoa teve uma infância diferente (mesmo sendo gêmeos, tendo tido a mesma criação), cada ser humano reage de maneira diferente, trazendo as mais variadas consequências que alguns superam facilmente, porém outros, ficam travados em situações gerando efeitos complexos; muitos fazendo “**tempestades em copo d’água**”, e outros paralisando diante de um obstáculo real.

O conselheiro tem que entender o problema, e levar a pessoa a enxergar por outros prismas; desde levar a pessoa a entender que não passa de um “**copo d’água**”, até entender que nenhuma tempestade é eterna, toda tempestade passa!

Como uma sábia frase citada por Cecília Sfalcin: *“A verdade é esta – há tempestades tão precisas na vida da gente, que chegam desavisadas, e derrubam sem piedade alguma, aquilo que o nosso coração não tinha coragem de derrubar, nos permitindo reconstruir algo novo naquele mesmo lugar. Há tempestades que chegam pra nos despertar e nos fazer entender que há coisas, ou pessoas em nossas vidas que só ocupavam lugar...”*.

Já Ana Fahd disse: *“Eu não posso evitar que as tempestades apareçam em minha vida. Mas posso garantir que em todas elas, Deus está comigo e isso faz toda a diferença”*.

O próprio apóstolo Paulo entendeu: *“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”*. **Romanos 8:28**

Mesmo que você não entenda – Deus está no controle, e Ele quer nos ensinar alguma coisa que possamos ensinar outras pessoas, então, entenda que, “a vida não é esperar a tempestade passar, mas sim aprender a dançar na chuva!”

O que mais o conselheiro precisa entender é a importância da “**ÉTICA**”, por isso, estamos abrindo essa grade de aulas com essa matéria sensacional, importantíssima, necessária e que seja eficaz na sua jornada de conselheiro!

Boa Aula!

Claayton Nantes

Definição

A origem da palavra ética vem do grego **ethos**, que quer dizer o ‘modo de ser’, o caráter.

Os romanos traduziram o *ethos* grego, para o latim ‘*mos*’ (ou no plural *mores*), que quer dizer costume, de onde vem a palavra moral.

Ethos é uma palavra com origem grega, que significa "caráter moral". É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. No âmbito da sociologia e antropologia, o **ethos** são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo.

Na **Grécia Antiga** se desenvolveu uma **ética** racionalista, onde a razão deveria prevalecer sobre as paixões e os desejos individuais. O correto correspondia ao comportamento que era guiado pela razão. O incorreto, ou o mal, correspondiam as paixões desenfreadas, que deveriam ser contidas.

A origem do conceito de **ética** remete aos primeiros grandes pensadores da humanidade: os filósofos gregos. Atribui-se a ‘criação do termo’ e tudo o que ele engloba, **surgiu** em meados do século 4 a.C, quando teve início a ascensão das Cidades-Estado gregas; porém quando observamos a Toráh, o Pentateuco vemos que as leis judaicas são princípios éticos do ser humano, da sociedade, de relacionamento e conduta.

Então podemos afirmar que ética é o conjunto de regras sobre os valores morais de um indivíduo, um grupo ou uma sociedade, ou ainda, parte da filosofia que aborda os fundamentos morais do comportamento humano. Se a pessoa vem buscar um aconselhamento cristão, ela tem que entender que vai receber uma instrução **“SEGUNDO À BÍBLIA”, “SEGUNDO O PENSAMENTO IMUTÁVEL DA PALAVRA DE DEUS”**, e não segundo os valores de um filósofo, pensador, um grupo, sociedade ou uma ideologia.

Ética é a ciência da moral. São princípios morais pelos quais um indivíduo deve guiar sua conduta no ofício ou profissão que exerce; conjunto de princípios morais para a formação de um caráter nobre e para criação de hábitos dos quais resulte uma maneira de ser e de agir íntegra e honrada e conforme às leis do dever.

Ética Cristã então seria o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação embasado na Palavra de Deus - **BÍBLIA**.

A pessoa que vem buscar um “Aconselhamento Cristão”, ela tem que estar ciente que vai ser aconselhada segundo os princípios da Palavra de Deus, por isso, o conselheiro precisa conhecer a Palavra de Deus, saber qual é a visão de Deus para cada problema, cada questionamento, não é o que o conselheiro pensa, “acha”, “imagina” ou “gosta” – NÃO – é o que a PALAVRA DE DEUS DIZ.

Hoje em dia há muitas vertentes, correntes e linhas de pensamentos, porém o “conselheiro cristão”, ele tem como regra de fé e prática A PALAVRA DE DEUS! Seus valores são imutáveis – **Mateus 24:35; Mateus 25:31-40; 1 Pedro 1:25; 1 João 2:6**

Ética, valores e sentido do aconselhamento é um tema de absoluta importância, Deus é um Deus ético, e nos considerou visível diante da Sua justiça, um comportamento que permite a visibilidade do outro, o que permite uma visualização justa, caráter de Deus.

O aconselhamento visa questão ética de sermos aconselhadores aconselhados por Deus e usando a ética, a diferença de alguém que é preparado e instruído para este ministério.

Temos uma herança ética de aconselhamentos e de vida diante do Senhor.

João 7:36-39 – Jesus faz uma afirmação e um convite, no encontro de Jesus com a mulher de Samaria, a mulher samaritana.

A promessa do Senhor quanto ao Seu Espírito, é que daquele que crer, fluiriam rios de água viva.

João relata o encontro de Jesus com a mulher de Samaria. O texto da ‘mulher samaritana’ e o texto do ‘filho pródigo’ são os mais lidos, mais conhecidos, e pregados dos quatro evangelhos.

João 4:1-38 – O Senhor faz uma comparação ao tempo de semear e ceifar os que são dEle.

João 4:39-43 – João ainda relata que muitos samaritanos creram nEle!

Jesus passa dois dias até sair para Galileia e ali muitas pessoas chegaram ao conhecimento de Jesus.

Quando você está cuidando de alguém, muitas vezes você vai perceber que a pessoa não será ajudada, não terá saúde, se ela “não reconhecer”, “não se enxergar”, “não se ver” no problema em que está; para isso, muitas vezes, você precisa fazer a pessoa sair da situação e levá-la a enxergar de fora. (A cura do cego de Betsaida – Marcos 8:22-38).

No encontro com a samaritana, Jesus tem uma experiência totalmente humana, está cansado fisicamente, humanamente; com sede, e quer beber água. A narrativa começa dizendo que era meio dia. Primeira coisa interessante é que a mulher confronta Jesus a partir do que parece, e mais para frente Jesus faz uma confrontação do que realmente é!

A mulher questiona como você sendo judeu me pedes de beber a mim que sou uma mulher samaritana?

A segunda confrontação: “como Você pode me dar água se Você não tem nenhum objeto, nenhum utensílio para tirar água e o poço é fundo!”

E Jesus responde lançando um convite: “Vá, e chame o teu marido”. “Aparentemente parece”, mas verdadeiramente não é o marido.

Este ponto, Jesus leva ela a ver “a verdade”, tem uma ‘aparência de verdade’, mas no fundo não é verdade, parece marido, anda com ele, tem um companheiro, mas não é o marido.

Em questões éticas e valores: muitas vezes vamos estar diante de situações de confrontação; não temos o direito de acusar e nem condenar ninguém; porém mostrar o erro segundo o referencial da Palavra de Deus, porque se não acontecer a confrontação em amor, não é “aconselhamento cristão”. Agora não podemos obrigar ninguém a fazer o que queremos que faça. Se não tiver aceitação, é uma decisão e direto da pessoa no livre arbítrio.

Somos seres dotados de liberdade mas a saúde psicológica ela está baseada, ela se lastreia na nossa necessidade profunda de firmar nossas vidas sobre valores adequados, corretos do sentir. Se a pessoa não está sendo confrontada, ela vai ficando doente por não se analisar. Na criação em Gênesis, vemos que à cada feito, Deus parava e contemplava, analisava para ver se estava bom.

Existem valores inegociáveis; fomos criados à imagem e semelhança do Criador, e o Manual de Instrução, “manual de funcionamento” deste ‘boneco de barro’, é andar de acordo com os princípios, valores e ética desta PALAVRA – A BÍBLIA SAGRADA.

Daqui até ao arrebatamento da Igreja, o que mais vamos precisar é de “conselheiros cristãos”; pessoas que tenham o conhecimento bíblico, e que saibam colocá-lo em prática no dia a dia da vida. O conselheiro precisa ter um profundo conhecimento bíblico, e precisa ter a “graça e ouvir”.

Aconselhar é um “ministério”, e esse ministério é mais **OUVIR** do que **FALAR**. Muitas pessoas precisam colocar para fora suas crises, seus problemas, seus dilemas, conflitos e angústias.

Por outro lado, esse “ministério” é inesgotável e sempre necessário, pois onde houver “ser humano”, haverá conflitos. De uma forma ou outra, sempre haverá crises e preocupações. Então esse ministério é “ARÃO E UR” que segura os braços da liderança, pois sempre haverá necessidade de conselheiros para crianças, adolescentes, jovens, adultos, casais, idosos, líderes, pastores, etc. E você deve se aperfeiçoar num grupo específico pois os dilemas são os mais variados possíveis; porém nunca se esqueça – o **CONSELHEIRO CRISTÃO PRECISA SE MANTER FIEL AOS ENSINAMENTOS BÍBLICOS**.

Procure não ser “tudo”, porque assim você acaba não sendo “bom em nada”.

Aperfeiçoe-se, invista, leia, estude, ouça palestras, estudos, filmes e vídeos sobre a área que o Espírito Santo lhe direcionar para exercer seu chamado. Por exemplo: caso você escolha idosos, você tem que estudar e buscar conhecimento dos males que os assolam: alzheimer, esquizofrenia, artrite, artrose, amargura de alma, conflitos de relacionamentos, solidão, depressão, e até maus tratos contra o idoso; como também você pode buscar conhecimento acerca de quais benefícios, projetos e até direitos que um idoso pode desfrutar; sendo humilde o suficiente e sabendo que qualquer esfera de aconselhamento precisa sempre de uma reciclagem aperfeiçoando as habilidades de um terapeuta.

“ACONSELHAMENTO NÃO É PAPOTERAPIA”

Quando a pessoa está sofrendo, ela acha que o sofrimento dela é sempre o maior, e o pior (temos que respeitar esse prisma). **1 Pedro 5:9**

Há muita gente cativa em “prisões espirituais”, “cativeiros emocionais”. **Salmos 142:7; Salmos 42:11;** A gama de problemas que ouvimos no ‘aconselhamento cristão’, são as mais variadas possíveis; violência doméstica; incesto, medo, confusão, ameaças de suicídio, tentativa de homicídio, distúrbios sexuais, alcoolismo, uso de drogas, depressão, ansiedade, culpa, crises familiares, distúrbios alimentares, estresse, síndrome de fadiga crônica, síndrome de Burnout, TDH, bullying, fobia, TOC;

Não se pode descartar a possibilidade de muitas dessas doenças serem de raiz física: Tireóide; Hormônios, Anemia; etc.

NENHUM CONSELHEIRO TEM AUTORIDADE PARA PRESCREVER MEDICAMENTOS OU VITAMINAS E MUITO MENOS SUSPENDÊ-LAS – não cabe ao conselheiro, isso só um profissional qualificado que pode fazer (psiquiatra ou médico).

ACONSELHAMENTO é coisa séria, não pode ser feito de qualquer jeito e sem compromisso; tem que ser feito com muito temor ao Senhor, de maneira organizada e competente.

Não é fácil aconselhar de maneira organizada e competente, principalmente diante do fato de que os problemas são muito variados, as necessidades, imensas, e as técnicas de aconselhamento, muitas vezes, confusas e contraditórias.

Temos que desmistificar a situação de que “todo problema emocional é do diabo”, somos um espírito que possuímos uma alma – e a alma é a sede da vontade, emoção e pensamento; e moramos num corpo. Somos seres psicossomáticos.

Infelizmente ainda há muitos pastores, igrejas e segmentos que não aceitam problemas emocionais ou psicológicos; porém, não podemos descartar a hipótese de ser possessão maligna.

Há muitos livros, reportagens e autoridades que criticam as profissões voltadas para o aconselhamento querendo dizer assim que o aconselhamento é desnecessário.

É verdade que, às vezes, o aconselhamento não ajuda, e dependendo do conselheiro ou do conselho até piora. Até mesmo conselheiros experientes e bem preparados, que se mantêm sempre atualizados e aplicam as técnicas mais confiáveis, verificam que os aconselhados nem sempre fazem progressos. De fato, alguns até pioram. Não é de surpreender, portanto, que algumas pessoas desistam e acabem concluindo que o aconselhamento é perda de tempo – porém, temos que verificar os dois lados – a capacidade e preparo do conselheiro, mas muitas vezes, o aconselhado não deu ouvidos e não colocou nada em prática também.

Jesus, que é o exemplo de cristão perfeito, passou muitas horas falando com pessoas necessitadas, tanto em grupo, quanto individualmente.

Nem todos vão ter esse dom ou vocação. Por causa do temperamento, interesses, habilidades, preparo ou chamado, alguns cristãos evitam o aconselhamento, preferindo devotar tempo e talentos a outras atividades.

Precisamos, porém, ter o cuidado de não abrir mão com muita rapidez de uma experiência enriquecedora, potencialmente poderosa e bíblicamente fundamentada de ministrar aos outros – O ACONSELHAMENTO, que muitas vezes vai ser um discipulado.

Não é fácil aconselhar, mas há evidências cada vez maiores de que pessoas das mais variadas origens e formações podem aprender técnicas de aconselhamento eficientes. Deus pode usá-lo para aconselhar outras pessoas, porém, conduza esse ministério com muita oração e no temor do Senhor – se o CEO de uma das maiores empresas multinacional falhar, no final são só números, coisas materiais; se um ministro falhar – podem ser vidas com a eternidade no inferno.

O objetivo do aconselhamento é dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis, crises, conflitos ou desapontamentos. O processo de aconselhamento pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais; auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos gerados por tensões interpessoais, melhorando a qualidade de seus relacionamentos; e, finalmente, ajudar as pessoas que apresentam padrões de comportamento autodestrutivos ou depressivos a mudar de vida. O conselheiro cristão procura levar as pessoas a ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, ajudando-as, assim, a encontrar perdão e a se livrar dos efeitos incapacitantes do pecado e da culpa. O objetivo final do cristão é ajudar os outros a se tornar discípulos de Cristo e a discipular outras pessoas.

O “CUIDADO COM AS ALMAS” SE REFERE AOS **MINISTÉRIOS ECLESIAÍSTICOS DE CURA**, APOIO, ORIENTAÇÃO E RECONCILIAÇÃO DAS PESSOAS COM DEUS E COM O PRÓXIMO.

Infelizmente temos visto um tremendo despreparo em uma das áreas mais necessárias e importantes – a dedicação no auxílio a indivíduos, famílias que não estão conseguindo lidar com as pressões, crises e conflitos da vida. É necessário se levantar uma equipe, que vou chamar de “PARAMÉDICOS ESPIRITUAIS” – um “intensivista psicossomático” que ensine as pessoas a enfrentar seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos. O objetivo final é que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes e experimentem crescimento espiritual. **Gálatas 6:1-2**

ESSE MINISTÉRIO TEM QUE SER EXERCIDO POR CRISTÃOS SENSÍVEIS E ZELOSOS, QUE SE COMPADEÇAM DO PRÓXIMO E PLEITEIEM ESPIRITUALMENTE PELA VIDA DO ACONSELHANDO.

A organização é necessária, muitas vezes para fazer um estudo de caso, outras vezes para orar em cima do problema e outras vezes até, para acompanhar, ligar e remarcar – muitos casos serão um tratamento profundo com várias sessões; e outros casos, ligar semanal, quinzenal, ou mensal para saber como está; moldar o caráter, e trabalhar princípios com o objetivo de produzir mudanças fundamentais em comportamentos, personalidade, valores espirituais ou padrões mentais, isso leva tempo, atenção e investimento.

O propósito deste tipo de auxílio é remover os bloqueios emocionais que inibem o crescimento pessoal e profissional do indivíduo, os quais, geralmente têm origem em situações ocorridas no passado.

ELEMENTOS QUE DISTINGUE UM ACONSELHAMENTO CRISTÃO – PSICOTEOLOGIA

1 – Hipóteses singulares – nenhum conselheiro é absolutamente isento ou neutro em termos de suas suposições. Cada um de nós traz seus pontos de vista pessoais para a situação que é objeto do aconselhamento, e isso influencia nossos juízos e comentários, estejamos nós conscientes disso ou não. O psicanalista Erich Fromm, por exemplo, declarou certa vez que todos nós vivemos “num universo indiferente ao nosso destino”. Esse ponto de vista não deixa espaço para a crença num Deus soberano e compassivo. Nele, não há lugar para oração, meditação na “Palavra de Deus”, experiência do perdão divino, ou expectativa de vida após a morte. As hipóteses de Fromm certamente influenciaram seus métodos de aconselhamento.

Apesar de variantes teológicas, a maioria dos conselheiros que se denominam cristãos tem (ou deveria ter) crenças acerca dos atributos de Deus, da natureza humana, da autoridade da Bíblia, da realidade do pecado, do perdão de Deus e da esperança do futuro. Leiam-se, por exemplo, os quatro primeiros versículos de **Hebreus 1:1-4**. Se cremos que Deus falou à humanidade, criou o universo, por meio de Seu Filho, providenciou um meio de obtermos o perdão dos pecados e agora sustenta todas as coisas pelo poder de Sua palavra, nossa vida e nossa maneira de aconselhar tem de ser diferente!

2 – Objetivos singulares – Assim como os profissionais leigos, os cristãos procuram ajudar os aconselhados a alterarem seus comportamentos, atitudes, valores e/ou percepções. Tentamos ensinar habilidades (inclusive habilidades sociais), encorajar o reconhecimento e a expressão das emoções, dar apoio em momentos de necessidade, inculcar senso de responsabilidade, orientar a tomada de decisão, ajudar a mobilizar recursos internos e externos em períodos de crise, ensinar técnicas de resolução de problemas e aumentar a competência e o senso de “autorrealização” do aconselhado.

Entretanto, o conselheiro cristão vai mais longe. Ele procura estimular o crescimento espiritual do aconselhado e encorajar a confissão dos pecados para recebimento do perdão divino. Além disso, ajuda a moldar padrões, atitudes, valores e estilo de vida cristãos, apresenta a mensagem do evangelho, encoraja o aconselhado a entregar a sua vida a Jesus Cristo e estimula-o a desenvolver valores e padrões de conduta baseados nos ensinamentos da Bíblia, em vez de viver de acordo com as regras relativistas do humanismo.

Alguns criticam essa atitude, dizendo que isso é “misturar religião com aconselhamento” – EVANGELHO É MODO DE VIDA. Entretanto, ignorar questões teológicas é adotar as bases da religião do naturalismo humanista, sufocar nossa própria fé e dividir nossa vida em dois segmentos: um santo e outro profano. Nenhum conselheiro que se preze, seja ele cristão ou não, tenta impor suas crenças aos aconselhados. Temos a obrigação de tratar as pessoas com respeito, dando-lhes total liberdade de tomar suas próprias decisões. Porém, um conselheiro honesto e autêntico não sufoca suas crenças, nem finge ser algo que não é.

3 – Métodos singulares – todas as técnicas de aconselhamento têm, pelo menos, quatro características. Elas procuram: levar a pessoa a crer que é possível obter ajuda; corrigir concepções equivocadas a respeito do mundo; desenvolver competências para a vida social; e levar os aconselhados a reconhecer seu próprio valor como indivíduos. Para atingir esses objetivos, os conselheiros aplicam técnicas básicas como ouvir, demonstrar interesse, tentar compreender e, pelo menos eventualmente, dar orientação. Muitos dos métodos utilizados por conselheiros cristãos são idênticos aos aplicados pelos não cristãos. Os cristãos, porém, não utilizam técnicas que seriam consideradas imorais ou incompatíveis com os ensinamentos da Bíblia. Por exemplo, estimular uma pessoa a se envolver em experiências sexuais pré-conjugais ou extraconjugais, usar linguagem obscena, ou incentivá-la a adotar valores antibíblicos são atitudes impróprias no contexto cristão, apesar de usadas por terapeutas seculares.

Há outras técnicas que são eminentemente cristãs e se aplicam com frequência nos gabinetes. Orar durante a sessão do aconselhamento, ler a Bíblia, confrontar gentilmente a pessoa com os princípios bíblicos, ou encorajá-la a se envolver nas atividades da igreja local são alguns dos exemplos mais comuns.

4 – Características singulares do conselheiro – Em todas as situações de aconselhamento, o orientador precisa fazer pelo menos quatro perguntas: Qual é o problema? Será que devo intervir e tentar ajudar? O que eu poderia fazer para ajudar? Será que existe alguém mais qualificado para atuar neste caso? É importante que os conselheiros cristãos tenham conhecimento da natureza dos problemas (como eles surgem e como podem ser resolvidos), saibam o que a Bíblia ensina sobre eles e estejam familiarizados com as técnicas de aconselhamento.

No entanto, existem evidências de que as características pessoais do conselheiro têm um peso ainda maior no aconselhamento. Um conselheiro eficiente deve ser um “ser humano de verdade” que oferece a oportunidade de um “relacionamento humano de verdade” aos aconselhados. É um tipo de relacionamento caracterizado não tanto pelas técnicas que o terapeuta usa, mas pelo que ele é como pessoa; não tanto pelo que ele faz, mas pelo modo como o faz”.

Há muitos anos, as pesquisas revelaram que as técnicas de aconselhamento são mais eficazes quando o indivíduo que presta assistência é afetuoso, sensível, compreensivo, demonstra interesse sincero e tem disposição para confrontar as pessoas, mantendo uma atitude de amor.

Os livros didáticos sobre aconselhamento sempre enfatizaram a importância de determinadas qualidades num conselheiro, tais como ser digno de confiança, ter boa saúde psicológica, honestidade, paciência, competência e conhecer bem a si mesmo. Segundo pesquisas recentes, os conselheiros são mais eficientes quando, além dessas características, conhecem bem os problemas humanos e demonstram bom manejo das técnicas de aconselhamento. Boas intenções não compensam a falta de conhecimento e de habilidade. Isso também compete à ética – como portar-se no aconselhamento? O que fazer com as confissões que ouviu? Como agir após o atendimento?

Certamente, Jesus Cristo é o melhor modelo que temos de um “maravilhoso conselheiro”, cuja personalidade, conhecimento e habilidades capacitavam-no a dar assistência efetiva aos necessitados. Ao tentarmos analisar o modo como Jesus aconselhava, precisamos ter em mente que cada um de nós pode ter a tendência, consciente ou não, de ver o ministério de Jesus de uma forma que reforce nossas próprias opiniões sobre como se deve ajudar as pessoas. O conselheiro que tem uma postura diretiva e de confrontação reconhece que Jesus agiu assim, em determinados momentos; o tipo não diretivo, para quem o principal é a satisfação do cliente, encontra apoio para seu modo de agir em outros exemplos do ministério de Jesus.

JESUS

- Usava técnicas de aconselhamento diferentes dependendo da situação
- Ouvia com atenção, muitas vezes sem dar uma orientação muito direta
- Ensinava com palavras claras e firmes
- Animava e amparava, mas também questionava e contestava
- Acolhia os pecadores e necessitados (muitos hoje, são os religiosos, fariseus daquela época)
- Requeria arrependimento, obediência e ação
- Era absolutamente sincero
- Profundamente compassivo
- Altamente sensível e espiritualmente maduro
- Mantinha-se fiel ao compromisso de servir Seu Pai e a humanidade

- Se preparava para desempenhar bem a sua tarefa através de constantes períodos de oração e meditação
- Conhecia profundamente as Escrituras e procurava levar os necessitados a se voltarem para Ele em busca de ajuda, para que pudesse encontrar paz, esperança e segurança eternas
- Aconselhava através de seus sermões
- Argumentava os incrédulos, confrontava indivíduos, curava os doentes, conversava com os necessitados, encorajava os desanimados
- Usava exemplos reais, transformando-os em parábolas ou metáforas, tirados de situações verdadeiras, e incentivava seus ouvintes a pensarem e agirem em conformidade com os princípios divinos
- Acreditava que algumas vezes é necessário ouvir, confortar e ponderar a questão com a pessoa primeiro, e só depois ela estará em condições de ser confrontada, receber um conselho ou aprender através de uma pregação pública

Isaías 61:1-3

O que torna o aconselhamento cristão realmente único é justamente a influência e a presença do Espírito Santo. É Ele que capacita o conselheiro, dando-lhe as características que o tornam mais eficiente no desempenho de sua tarefa: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Ele é o Consolador ou Auxiliador que nos ensina “todas as coisas”, traz à memória as palavras de Cristo, convence do pecado e nos guia à toda a verdade. **1 João 2:15-29**;

Jesus manteve conversas individuais com várias pessoas, reunindo-se com pequenos grupos. Formou discípulos, os quais Ele preparou para continuar Sua obra. Foram eles que estabeleceram a doutrina, deram continuidade ao ministério de ensino, evangelização, ministração e aconselhamento. Essas atividades não era vistas como responsabilidade de pastores e líderes, mas sim como tarefa para crentes comuns; que entenderam que o EVANGELHO eles deveriam compartilhar e cuidar uns dos outros. Ao lermos o livro de Atos e as epístolas, fica claro que a igreja não era apenas uma comunidade dedicada à evangelização, ao ensino e ao discipulado – era também uma comunidade terapêutica.

Comunidades terapêuticas são grupos de pessoas “que se caracterizam por um profundo compromisso entre seus membros e por um interesse comum na cura de (...) males psicológicos, comportamentais ou espirituais. Os grupos terapêuticos tem tido um grande progresso, pois um membro ajuda o outro, apoiando, questionando, orientando e encorajando. Além de compartilharem experiências também vêm que outras pessoas estão passando pelos mesmos problemas ou até piores.

É claro que esses grupos podem ser nocivos, especialmente quando se tornam encontros caóticos em que o objetivo principal é criticar e constranger os participantes, em vez de edificar e estimular cada membro a ter uma atitude mais aberta e positiva. Entretanto, quando conduzidas por um líder sensível, as sessões de grupo podem ser experiências terapêuticas muito eficazes para todos os envolvidos.

A ética são códigos de conduta que servem tanto para proteger o público de práticas antiéticas como também para orientar os conselheiros em suas decisões, e numa visão psicoteológica, nossa ética vem totalmente da Bíblia.

O conselheiro cristão respeita cada indivíduo e reconhece seu valor como pessoa criada por Deus à sua imagem, desfigurada pelo pecado, mas amada por Deus e objeto da divina redenção. Toda pessoa tem sentimentos, pensamentos, vontade própria e livre arbítrio.

Como terapeuta, o conselheiro deseja o bem-estar do aconselhando e procura não manipular nem se intrometer em sua vida. Como servo de Deus, ele tem a responsabilidade de viver, agir e aconselhar de acordo com os princípios bíblicos. Os problemas éticos surgem quando há conflitos de valores ou quando decisões difíceis precisam ser tomadas. Muitas dessas decisões (mas não todas) envolvem o sigilo das confidências.

O conselheiro tem que manter sigilo, mas em muitos casos deve orientar o aconselhando a revelar as informações diretamente às pessoas envolvidas, muitas vezes até à polícia, patrões, pais ou outros;

Jamais o conselheiro pode divulgar algo sem o conhecimento e consentimento do aconselhado.

Em todas as decisões que envolvem a ética, o conselheiro cristão deve procurar honrar a Deus, agir de conformidade com os princípios bíblicos, e respeitar o bem-estar do aconselhando e de outras pessoas. Quando for necessário tomar uma decisão delicada, o conselheiro deve discutir o assunto confidencialmente com um ou dois conselheiros cristãos e/ou com um advogado, médico ou pastor que possa ajudá-lo a tomar a decisão certa, porém, com muita cautela, sigilo e sabedoria.

Numa sociedade pluralista, como a em que nós vivemos, é fundamental a existência de valores éticos definidos que possam nortear a conduta dos cristãos, de modo que venham a oferecer um modelo de vida alternativo à sua sociedade.

Existem muitas questões éticas que nos encurralam, como por exemplo: “É correto mentir a fim de salvar uma vida?” Contar a verdade é mais importante do salvar vidas?

Norman L. Geisler aborda em seu livro *ÉTICA CRISTÃ* a história de um Comandante Lloyd Bucher, do navio espião Pueblo, que com sua tripulação de 23 homens, foi capturado pelos norte-coreanos. Quando os interrogados ameaçaram matar toda tripulação, Bucher assinou confissões, confessando falsamente a culpa de fazer espionagem nas águas territoriais da Coreia do Norte. Estas falsas confissões vieram a ser o fundamento para poupar as vidas da tripulação e levar à sua libertação. A pergunta, portanto, é esta: a mentira de Bucher para salvar estas vidas foi moralmente justificada? Ou, de modo mais geral, mentir para salvar vidas é moralmente certo em qualquer situação? Uma maneira de responder a esta pergunta é rejeitar totalmente a noção de moralidade.

Para analisarmos um caso como este, vamos ter que estudar um pouco sobre “antinomismo; generalismo; situacionismo; absolutismo não-conflitante; absolutismo ideal e hierarquismo”.

- **Antinomismo** – não há normas
- **Generalismo** – não há normas universais
- **Situacionismo** – há uma só norma universal
- **Absolutismo não conflitante** – há muitas normas universais não conflitantes
- **Absolutismo ideal** – há muitas normas universais conflitantes

- **Hierarquismo** – há normas universais hierarquicamente ordenadas

Pela posição chamada “antinomismo” – negar a existência de quaisquer normas éticas relevantes, essa posição afirma que não há nenhum princípio moral que possa, validamente, ser aplicado ao caso de Bucher, e mediante o qual se pudesse pronunciar sua ação como certa ou errada. E se não houver padrões morais, não pode haver julgamentos morais. Logo, Bucher não estava nem certo nem errado segundo a ética.

Há várias maneiras segundo as quais um ato de mentir pode ser “justificado”, mas não há nenhuma maneira pela qual possa ser objetivamente julgado. Isto porque, segundo o ponto de vista antinomista não existe nenhuma norma objetiva mediante a qual o julgamento possa ser feito. De fato, as considerações subjetivas que eram “boas” para a tripulação de Bucher e para seu país, eram, concomitantemente “más” para o país inimigo, ou seja, à medida em que se sabia que a confissão era falsa.

Visto que não há padrões objetivos, não se pode dizer que a mentira de Bucher foi certa ou errada.

A maioria das posições éticas evita a posição antinomista contra todas as normas objetivas. Uma maneira de fazer isto sem condenar a mentira de Bucher é sustentar que mentir é, geralmente, mas não sempre, errado. Este ponto de vista será chamado de generalismo. Ou seja: mentir é errado como regra geral, mas há ocasiões em que a regra deve ser quebrada, viz., quando um bem maior é realizado, e salvar uma vida é certamente um bem maior.

Uma razão básica é que, havendo duas ou mais normas gerais que entram em conflito (tais como contar a verdade e salvar vidas) as duas não podem aparentemente ser universais. E se houver exceções, então não muitas normas universais.

Se falar a verdade for somente uma norma geral, então quando é correto mentir? O generalista pode responder a isto de diferentes maneiras. Uma resposta comum é sugerir que é correto mentir quando o mentir realizará um bem maior do que não mentir.

O ponto de vista de que há uma só norma universal diante da qual às vezes é correto mentir, é realmente, um absolutismo, mas por razões circunstanciais será chamado de situacionismo. É chamado de situacionismo não somente para distingui-lo doutras formas de absolutismo (que sustentam que há muitas normas universais, em contraste com somente uma) mas também porque os defensores do ponto de vista lhe dão esse nome. O nome “situacionismo” é algo descritivo. Lembra-nos que, visto que as circunstâncias são tão radicalmente diferentes, pode haver somente uma norma universal capaz de adaptar-se a todas elas.

Sustentar uma única norma universal não é a única posição possível com respeito a princípios absolutos. Existe o ponto de vista de que há muitas normas universais válidas que nunca conflitam realmente entre si. Esta posição será chamada de absolutismo não-conflitante. Pode haver um conflito aparente entre duas normas éticas, mas nunca um conflito entre deveres. Há sempre uma terceira alternativa ou um modo de cumprir uma das normas sem desobedecer à outra. O domínio de cada norma ética tem sido ideal ou providencialmente alocado a ela de modo que nunca realmente coincida parcialmente com o de outra norma universal. Isto significa, por exemplo, que o mentir e o matar nunca entram realmente em

conflito. Esta posição defende que Bucher em circunstância alguma deveria ter contado uma mentira para salvar as vidas de sua tripulação. Poderia ter mantido silêncio, ou falado a verdade, e se esta confissão não fosse aceitável, então ele e seus homens teriam de sofrer as consequências de contar a verdade e rogar misericórdia.

Outra saída do dilema aparente, de sustentar que há muitas normas universais que às vezes conflitam entre si, é declarar que uma violação de qualquer delas é errada. Ou seja: é sempre errado mentir e também é sempre errado tirar uma vida inocente (ou é até errado não procurar evitar que outra pessoa faça um ou outro destes atos), e se alguém for preso num verdadeiro dilema entre os dois, deve praticar o menor dos dois males. O menor dentre dois males pode ser julgado por aquilo que resultaria no número menor de consequências má, de maneira utilitária. Mesmo assim, os dois atos (mentir e matar) são intrinsecamente maus; nenhum dos dois está certo, de acordo com as normas universais. E mesmo se houvesse alguma maneira de julgar qual ato é intrinsecamente (e não meramente instrumentalmente) melhor, os dois ainda seriam errados, não obstante. Um deles, no entanto, provavelmente seria um mal menor do que o outro.

Segundo este ponto de vista, Bucher teria sido errado não importa qual das duas únicas alternativas possíveis adotasse. Apesar disto, ainda que o mal fosse inevitável para ele, também era desculpável, especialmente porque escolheu dos dois males o menor. O teísta cristão talvez diria que para Bucher, o pecado era inevitável, porém perdoável. Ele devia cometer o pecado menor (seja este julgado intrinsecamente, seja extrinsecamente), e depois colocar-se de joelhos e confessá-lo.

Muitos dilemas morais se estabelecem porque alguém está, pecaminosamente, forçando outra pessoa para uma posição em que esta outra terá de escolher entre duas normas universais. O mundo está caído, e há um conflito, somente a expiação ou o perdão de Deus pode resolver o problema.

Essa posição é chamada de absolutismo ideal, porque acredita em muitos absolutos que idealmente não entram em conflito mas que realmente (por causa dos pecados dos outros ou dos próprios pecados da pessoa envolvida) às vezes entram em conflito.

Outro modo de responder a este problema ético escolhido como amostra pode ser chamado o hierarquismo. Pode ser argumentado, que há muitas normas éticas universais, mas que não são iguais na sua importância intrínseca, de modo que quando duas entram em conflito, a pessoa é obrigada a obedecer o mais alto dos dois mandamentos. Desta maneira, portanto, na escolha entre matar e mentir, sendo que as duas ações são universalmente erradas na ausência de qualquer conflito entre elas, deve-se escolher poupar a vida, por ser ela um valor intrinsecamente mais alto. Contar a verdade é bom, mas não ao custo de sacrificar vidas.

Segundo este ponto de vista, a mentira de Bucher foi certa, embora o mentir em si mesmo seja universalmente errado, porque há uma norma ética mais alta do que falar a verdade – salvar vidas. Bucher seguiu a norma intrinsecamente mais alta quando achou duas normas universais em conflito. A boa ação é sempre aquela que é intrinsecamente melhor.

Qualquer filósofo ético contemporâneo de relevância não concorda que “mentir é sempre certo”.

Esses pontos de vistas podem ser resumidos pela seguinte comparação: O antinomista expõe um ponto de vista para a exclusão de todas as normas éticas, sejam elas universais, sejam elas gerais. O

generalista diz que há normas objetivas, mas que todas têm exceções. O situacionista insiste em uma só norma universal exclusiva, reconhecendo facilmente que todas as demais são, na melhor das hipóteses, apenas gerais. Do outro lado, o absolutista não conflitante argumenta em prol de muitas normas universais que nunca se sobrepõem realmente, deixando sempre uma via de escape do suposto dilema moral. Apegando-se a muitas normas universais que na realidade conflitam entre si (embora idealmente não o fariam), o absolutista ideal diz que praticar o mal é inevitável porém desculpável, especialmente se alguém cometer o menor dos males. Finalmente, o hierarquista aceita muitas normas universais conflitantes que são dispostas de acordo com o valor intrínseco e, tendo em vista as mesmas, o homem tem uma isenção de observar a norma inferior em virtude de agir de acordo com a norma superior. Os seis capítulos que se seguem serão dedicados a uma discussão mais completa destas alternativas éticas no livro *Ética Cristã*.

Todas estas alternativas giram em torno de normas éticas. Na realidade, contudo, há outra abordagem à ética que não ressalta normas, mas, sim, fins!

As abordagens básicas: normas éticas ou fins éticos?

A distinção entre estas duas abordagens pode ser expressada pelas palavras teleológica e deontológica. A primeira destas ressalta os fins ou resultados éticos das ações; a outra enfatiza normas éticas ou princípios para ação ética. É necessário compreendê-las melhor antes que se possa entender adequadamente a abordagem normativa adotada.

A. Regra Versus Resultados

A diferença básica entre a ética **teleológica** (à ciência que tem a finalidade (causas finais) como essencial na explicação das modificações que ocorrem na realidade) com a **deontológica** (A deontologia é um tratado dos deveres e da moral. É uma teoria sobre as escolhas dos indivíduos, o que é moralmente necessário e serve para nortear o que realmente deve ser feito) pode ser explicada pelo significado das raízes das palavras. A teleologia vem da palavra grega 'telos', que significa "fim" ou "propósito". A deontologia vem da palavra grega 'deon', que significa aquilo que é devido. Na aplicação à ética, portanto, uma abordagem teleológica é aquela que ressalta o fim ou o resultado da ação, e uma abordagem deontológica depende de regras básicas mediante as quais se pode determinar o que é devido em qualquer caso específico, independentemente dos resultados. Ou seja, a primeira é uma ética pragmática ou utilitária, que se ocupa com se uma ação funcionará, afinal, para o bem da maioria dos homens. A segunda é uma ética de princípios, que se ocupa com o dever da pessoa de fazer aquilo que é inerentemente correto à parte das consequências que se possa prever.

A primeira ocupa-se com o dever por amor aos bons resultados; a última com o dever por amor ao dever. Não se quer dizer, naturalmente, que a ética do dever não se preocupa com os resultados. Realmente, os deontologistas podem acreditar que cumprir o dever pode trazer o maior bem afinal de contas. Esta, no entanto, não é a razão para alguém cumprir seu dever. (porque trará o bem maior); pelo contrário, cumpre seu dever porque não é intrinsecamente bom fazer aquilo que a pessoa deve fazer. Não segue uma regra primariamente porque trará o bem, mas, sim porque é bom fazer assim.

B. Prescritiva Versus descritiva e emotiva

Uma ética normativa é prescritiva mais do que mereamente descritiva. É uma ética que ordena certos cursos de ação em oposição a outros. Uma ética normativa não descreve apenas como os homens agem; pelo contrário, preceitua como devem agir. Não é uma ética do “é”, mas, sim, uma ética do “deve ser”. Numa abordagem normativa à ética, preocupa-se primariamente em descobrir normas relevantes para preceituar aquilo que os homens devem fazer em contraste com as descrições meramente científicas ou estatísticas daquilo que os homens realmente estão fazendo.

Não somente uma ética normativa é prescritiva em contraste com descritiva, como também se opõe a uma ética puramente emotiva que se centraliza na maneira dos homens se sentirem acerca de certas ações humanas. A abordagem puramente emotiva argumenta que todas as alegadas declarações éticas (declarações que contêm símbolos éticos tais como “não deve” e “deveria”) não são mais nada do que expressões de como o indivíduo sente acerca de certas questões. Ou seja: Aquilo que é certo varia entre os sentimentos individuais de uma pessoa para outra. A ética normativa argumenta em prol de normas prescritivas que têm precedência tanto sobre os sentimentos quanto sobre os fatos.

C. Categórica Versus Hipotética

Outra maneira de ressaltar o que se quer dizer aqui com ética normativa é distingui-la como categórica, em contraste com hipotética. É a ética dos mandamentos, não das condições. A ética normativa diz: “Tu farás isto”, e não “Se fizeres isto, resultará em bem, etc”. É a ética do modo imperativo e não do modo subjuntivo. Em resumo: Fornece-se uma norma que ordena um determinado curso ou modo de agir que é intrinsecamente bom, em contraste com um que é meramente a condição ou o fundamento para produzir o bem. A abordagem categórica sustenta que o ato de procurar salvar um homem que está se afogando é um ato intrinsecamente bom, quer a tentativa seja bem sucedida, quer não. O ponto de vista hipotético, do outro lado, argumenta que o ato de procurar salvá-lo não é intrinsecamente bom mas, sim, é bom somente se leva a efeito bons resultados, tais como realmente salvar o homem. A razão para a diferença é que a abordagem categórica é edificada sobre um mandamento categórico no sentido de fazer um bem intrínseco, e o ponto de vista hipotético é baseado numa condição hipotética que leva a um bem extrínseco.

D. Princípios, Normas e Regras

Há numerosas distinções, às vezes sutis, que se fazem entre princípios, normas e regras. Nenhuma delas será tentada a esta altura. Visando a inclusividade (dentro de um contexto normativo), estes termos, e outros semelhantes a eles (axiomas, postulados) serão usados como aproximadamente sinônimos. Apesar disto, a fim de não ser tão abrangente ao ponto de ser ambíguo, uma abordagem normativa pode ser definida como sendo aquela que postula um ou mais preceitos morais que possuem significado pelo menos formal (se não algum significado com conteúdo) mediante o qual as ações humanas devem ser controladas.

No fim, naturalmente, a pessoa deve resolver se quaisquer normas que porventura existam (universais ou não) são suficientemente relevantes para se basear decisões éticas sobre elas. Afinal das contas, uma norma puramente formal (sem qualquer conteúdo experimental real) pode ser pouco melhor do que nenhuma norma. De acordo com o uso comum dos termos “princípios”, “norma”, e “regra” (que são aproximadamente sinônimos, embora os dois últimos tenham mais conteúdo), estamos procurando, em

última análise, descobrir se existem “princípios” cheios de conteúdo, ou quaisquer “regras” universais. Visto, porém que por enquanto estes termos serão usados como sinônimos, a pergunta é simplesmente: Existem normas relevantes que nunca devem ser quebradas?

E. Universal Versus Geral

Dessa forma, a preocupação aqui não diz respeito somente à pergunta: Há normas éticas relevantes? A pergunta verdadeira é: “Há quaisquer normas éticas universais? Se houver, quantas são? Logo, é necessário discutir exatamente o que se quer dizer com a palavra “universal” na sua aplicação às normas éticas.

Por norma universal quero dizer uma que se aplica a todos os homens em todos os lugares nas mesmas circunstâncias. Não há exceções inespecificáveis ou indefiníveis a uma norma universal. Na realidade, visto que uma exceção definível não é realmente exceção alguma, mas, sim, realmente faz parte da definição de que tipo de ato está sendo preceituado, uma norma universal realmente não tem exceção alguma. Por exemplo, se (e este pode ser o caso, ou não) alguém propõe a norma de que “a mentira nunca deve ser praticada, a não ser num contexto em que não se espera a verdade”, então esta seria qualificada como uma sendo uma norma universal. Qualificaria como sendo norma universal porque especifica a exceção contextual como parte daquilo que uma mentira quer dizer. A assim chamada “exceção” ou circunstância na qual o ato pode ser realizado qualifica o ato de modo que não seja realmente uma mentira, mas realmente seja uma forma boa de falsificação. Falsificar para levar um amigo para uma festa-surpresa de aniversário pode ser dado como um ilustração. Visto que os amigos estão apenas “brincando” e visto que este tipo de atividade é esperado nestas circunstâncias, não se diria que as informações falsas realmente fossem mentirosas (moralmente erradas). Festas de surpresa não são um contexto em que se pode esperar a verdade (pode ser visto como estratégias). Agora, fazer espionagem para o bem da pátria também é usado para explicar este mesmo argumento.

Quer se aceite estas ilustrações quer não, ou até mesmo quer haja, quer não, em qualquer tempo, quaisquer assim-chamadas “exceções” a intencionalmente dar somente informações corretas; mesmo assim, o argumento básico é o mesmo. Uma norma universal é uma que se aplica a todas as criaturas moralmente responsáveis em qualquer determinada situação. Isto porque quaisquer “exceções” definíveis que existem tornaram-se parte da regra geral que então realmente se aplica a todos os homens naquela circunstância específica sem exceção. O problema, naturalmente, é se existem normas éticas tais que possam ser definidas de modo relevante ao ponto de não admitir qualquer outra exceção. Ou, o problema é achar uma norma que, depois de qualificada por todas as exceções, ainda tem um significado. Mas antes da discussão avançar na direção de buscar normas universais, está na hora de dizer uma palavra sobre a razão por que uma abordagem normativa é adotada em contraste com uma abordagem não-normativa ou utilitária.

POR QUE UMA ABORDAGEM NORMATIVA?

Há várias razões para estudar a ética do ponto de vista de “normas” ao invés de meramente do ponto de vista de “fins”. À medida em que a discussão se desdobra, as razões, dadas aqui em forma resumida, devem tornar-se mais evidentes. Duas razões básicas podem ser declaradas: as normas são inescapáveis e são necessárias.

A. As normas são inescapáveis

As normas são inescapáveis por várias razões. Este fato se torna óbvio quando se vê como a ética não-normativa ou utilitária realmente depende das normas, de várias maneiras relevantes.

- a. **A necessidade de Normas para prever consequências** – talvez a crítica mais fundamental à abordagem à ética dos “fins” ou resultados da ação, é o fato de que a totalidade do valor prático deste sistema depende da capacidade de prever as consequências de longo alcance das decisões. Decerto, o indivíduo não pode ver o que acontecerá a longo prazo. E não pode aguardar os resultados antes de ter alguma certeza de que sua decisão é certa. O futuro pode ser um guia útil somente se há alguma maneira de saber agora o que o futuro trará em termos dos resultados bons ou maus das decisões da pessoa. Mas visto que o indivíduo como tal não tem este tipo de conhecimento prévio, não tem maneira de saber qual modo de ação trará o máximo bem ao maior número de pessoas a longo prazo. Noutras palavras, agir exclusivamente na base de fins utilitários funcionaria somente para um Deus Onisciente. O homem finito simplesmente não pode conhecer de antemão os resultados finais e totais das suas escolhas.

- b. **A necessidade de Normas para determinar o “fundo”** – um fator que é frequentemente olvidado é que a própria origem do “fundo” da experiência pressupõe algum tipo de orientação ou norma. Ou seja, as primeiras criaturas morais tinham, sem dúvida, algum tipo de diretriz que era anterior ao “fundo” e mediante à qual o próprio “fundo” foi estabelecido. As experiências, pois, não podem ser avaliadas como sendo “boas” ou “melhores” e, portanto, não podem se qualificar para fazerem parte do “fundo”, para orientação futura, a não ser que algum padrão de valores à parte das experiências seja aplicado às experiências. Ou a pessoa teria que admitir que as experiências vêm com valor intrínseco (que é contrário ao utilitarismo, que diz que somente têm valor extrínseco) ou deve haver algum padrão fora da experiência mediante o qual podem ser avaliadas. Este padrão, portanto, seria normativo, e seria anterior ao “fundo” que estabelece.

- c. **A necessidade de Normas a fim de determinar as consequências** – independentemente de como o “fundo” foi estabelecido em primeiro lugar, é óbvio que o próprio “fundo” tem uma função normativa. Serve como diretriz para o utilitário determinar qual modo de ação provavelmente resultará no maior bem para o número máximo de homens. O indivíduo sozinho não possui usualmente (talvez nunca) a previsão para escolher aquilo que aumentará ao máximo o bem. Deve depender da sabedoria do passado para guiá-lo no presente a respeito daquilo que será melhor no futuro. Esta sabedoria, seja qual tenha sido a sua origem, serve como norma para escolhas éticas. Sem dúvida alguma, estas normas do “fundo” da experiência humana não são consideradas realmente universais ou absolutas. Não são guias infalíveis, mas, sim, são uma parte necessária do procedimento do utilitário em tomar decisões. Por exemplo, ainda que contar uma mentira talvez traga um bem maior num caso especial, mesmo assim, um bem maior resultaria de guardar a regra de contar a verdade em todos os casos, simplesmente porque quebrar a regra em qualquer

caso tende a subvertê-la em todos os casos. Guardar as regras em todos os casos resulta num bem maior (até mesmo com as más consequências nalguns poucos casos) do que a quebra das regras. Sem pronunciar julgamento sobre o certo ou o errado da posição utilitária das regras, basta concluir aqui que os dois tipos de utilitarismo ilustram a necessidade de regras ou normas, havendo ou não quaisquer ocasiões em que se deva quebrá-las.

- d. **A necessidade de Normas para avaliar as consequências** – além da necessidade de normas para ajudarem a determinar qual resultado será melhor para o maior número de pessoas, há, também, a necessidade de uma avaliação normativa de que o resultado tenha sido melhor para a maioria, uma vez ocorrido. Não há maneira de saber se o resultado é realmente “melhor” a não ser que haja um padrão de “melhor” mediante o qual possa ser julgado. Noutras palavras, deve haver alguma norma mediante a qual se possa avaliar as consequências uma vez ocorridas (à parte da questão da necessidade de normas para guiar a pessoa a fazer ocorrer os melhores resultados). Destarte, o utilitário precisa de normas para determinar se aquelas consequências são realmente melhores e não meramente diferentes, se e quando realmente ocorrem. Em resumo, as normas são inescapáveis, até mesmo para o utilitarista cuja posição está supostamente centralizada em fins ou resultados. Até mesmo a abordagem alegadamente não normativa exige normas para fazê-la funcionar apropriadamente. As normas são inescapáveis, quer sejam desejáveis, quer não. Destarte, a pergunta na ética não é se há normas, mas, sim, quais as normas que serão usadas.

B. As normas são necessárias

As normas não somente são inescapáveis, como também são necessárias. Elas são necessárias, se é que a pessoa quer ter orientação relevante para as decisões da vida. Sem algum tipo de diretriz que possa ser pensada e declarada, pois, não há maneira de alguém fazer decisões razoáveis ou significantes acerca de alterar modos de ação. Para a ética ser relevante, portanto, deve ser normativa. Que as declarações éticas normativas são relevantes subentende várias coisas.

Primeiramente, as declarações normativas são racionais. Ou seja, são declarações sujeitas à lei da não-contradição. Isto significa que o oposto daquilo é certo, é errado. Se a pessoa sempre deve ser amorosa, segue-se que é errado ser desamoroso. Se modos opostos de ação não são opostos entre si como sendo certos e errados, então é impossível que alguém faça uma decisão ética relevante entre eles.

Em segundo lugar, declarações normativas podem ser mais do que formalmente racionais; podem ser plenas de conteúdo. Não somente podem ser faladas, como também podem ser experimentadas. Há uma base na experiência humana para seu significado. Pode-se não apenas conceptualizá-las como também dar exemplos concretos. Se uma norma não pode ter mais do que uma forma em que se pode pensar, não pode ter qualquer conteúdo experimental relevante para o indivíduo que deseja entendê-la em termos de sua própria experiência.

Além disto, uma norma pode ser prática. Não somente as normas podem ser apreendidas pela mente de modos relevantes, como também podem ser aplicadas de modo prático à vida da pessoa. Seu significado

não somente deve ser baseado na experiência como também deve ser aplicável à experiência. Isto nos leva a outra característica das normas que as torna indispensáveis para uma ética relevante.

Finalmente, as normas são objetivas. Constituem-se num padrão, fora da experiência subjetiva do indivíduo, mediante o qual pode determinar se suas experiências éticas são boas ou más. Se as normas fossem puramente subjetivas, realmente não seriam normas de modo algum. Se alguma coisa há de julgar uma experiência, não pode ser, ao mesmo tempo, uma parte intrínseca daquela experiência. Deve haver padrões ou normas fora da experiência individual, subjetiva, a fim de medi-la como boa ou má.

Resumindo: as normas são tanto inescapáveis quanto essenciais para uma ética relevante. São inescapáveis porque são necessárias para estabelecer e avaliar o que se quer dizer com “bom” ou “melhor”. São essenciais porque não há maneira relevante de fazer decisões éticas (ou até mesmo falar frases éticas) sem algum modo não contraditório e/ou cheio de conteúdo de compreensão ou expressão. O “bom” pode ser captado sem o uso de normas, mas não pode ser ensinado ou até mesmo pensado sem algum tipo de declarações éticas cognitivamente relevantes. E além disso, o “bom” não pode ser praticado sem alguma norma ética relevante para determinar qual é a coisa “boa” para se fazer.

Saúde Psicológica – Existe uma quebra do estado de saúde mental, que é um desconforto psíquico, que muitas vezes não vai perceber durante anos, mas muitas vezes altas polarizações de ansiedade, ou muito rígido, trazem desconfortos psíquicos, vai apontar com a maneira em que a pessoa maneja o significado da vida, aquilo que dá sentido à vida.

Muitas vezes vão aparecer nas festas de Natal, nas datas em que a família se reúna ou até, em período de férias.

Uma série de enfermidades hoje são disfunções da família, uma ansiedade exagerada dos pais por exemplo, traz uma diabete emocional no filho.

Precisamos de valores na vida para termos uma saúde psicológica e emocional.

Todas as vezes que a pessoa está em uma relação triangular, há quebra de contrato de casamento, o adultério, ou uma relação à 3, na verdade há uma enfermidade psíquica aí.

A cultura em que vivemos vive uma relação de dupla moral e isto é um aspecto de grande enfermidade psicológica.

Mentiras que vão gerando uma relação ambíguas e desconfortável, nem toda ambivalência vai gerar doenças, pois toda criança tem que ter a polarização de certo ou errado, positivo ou negativo, luz ou trevas.

A criança em si, não lida com talvez, não lida com pode ser que sim, ou pode ser que não, a criança só lida com o absoluto – sim ou não, e já o adolescente vai criando hipóteses e confrontando, pode ser que sim, mas talvez não. Definindo valores!

Nós pecamos porque a nossa essência é pecadora, “mentirinhas” que não faz mal a ninguém, é pecado, ambivalência de valores é muito necessário.

Valores distorcidos geram adoecimento ainda que não sejam percebidos pelo sujeito.

VALORES: são conceitos que o sujeito tem como fundamentais e que orientam sua vida quando necessário.

A saúde psicológica está baseada na necessidade de valores e sentido.

A dor expressa, muitas vezes está relacionada à questões éticas.

A cada dia seremos chamados mais e mais por pessoas que estão em práticas promíscuas sexuais; por terem perdido o seu parceiro (a), e isso é uma dor real, uma dor dupla, e de nenhuma maneira a pessoa não pode ser rejeitada da Graça de Deus; há um sofrimento porque a amante rompeu uma relação, ou um parceiro rompeu o relacionamento. Vai levar as questões éticas que na verdade, as situações na família que vai levar a esta confusão sexual, que trouxe um desconforto e uma consequência.

Somos e vivemos hoje a consequência de algo plantado ontem.

Lugar de adoecimento quando os pais assumem o neto como filho, e a mãe, assume como irmão ou irmã.

No aconselhamento quando podemos ajudar uma pessoa a revisar, à repensar valores, ressignificar uma situação; certamente estamos levando esta pessoa a se ajudar. **Efésios 6:10-18.**

Vamos ler com os olhos do revestimento da armadura de Deus, o seu ministério está se dando também em um dado psicológico, este revestimento tem muito haver com a saúde, a pessoa lidar com a própria verdade da história.

Todos precisam saber a verdade em questão da sua história, lidar com a verdade e a justiça nos conduz a saúde.

CAPACETE DA SALVAÇÃO: tem o sentido de sanidade mental.

SANOS(gr) sanidade mental, salvar-se não só a alma eternamente, mas todo o ser.

Nós somos chamados a expressar a vocação terapêutica da igreja.

Deus não retirou da igreja a habilidade de ser o local de reabilitação da saúde.

Nós estamos ouvindo de Deus um chamado para cuidar e expressar uma vocação terapêutica.

A igreja é chamada para uma reflexão de questionamento ético.

As praças hoje são eletrônicas, e precisamos ir para as praças e o lugar do profeta não é só no templo, é nas praças: internet, redes sociais, televisão, rádio, mídia, livros, jornais e revistas. Você como ministro da saúde, (pastores) ministros e ministras da saúde do Senhor, ministérios quer dizer serviço, um lugar de servir.

É muito importante confrontar e também considerar o contexto que levou a esta consequência.

A igreja precisa proclamar cada vez mais, nas questões éticas, não furtar mais, não roubar mais, não falar uns dos outros. Estamos no tempo da graça, mas não uma graça barata, é uma graça regeneradora, existem valores éticos que necessitamos pregar. O Espírito é o que vai dar vida à Palavra.

Precisamos usar este lugar de ministração como um lugar de proclamação à saúde, à ética.

Vamos confrontar, vamos comunicar, e vamos dizer que isto não será tolerado.

O aconselhamento voltado para questão ética na realidade cumpre a vocação para o qual Deus nos tem chamado, a vocação de exercermos os ministérios para o qual Deus nos chamou.

Uma relação do homem consigo mesmo.

Uma relação do homem com o próximo.

Uma relação do homem para com Deus.

Um ministério da reconciliação do homem consigo mesmo.

Um ministério da reconciliação do homem com o próximo.

Um ministério da reconciliação do homem com Deus.

Nesta reconciliação há três passos fundamentais.

1º. A confrontação.

2º. Perdão.

3º. Um compromisso com a pessoa de exercer a sua vida com disciplina ou enfrentamento.

A igreja evangélica muitas vezes tem perdido o lugar da confissão, e esta é a porta fundamental da saúde psíquica.

Há um momento em que o indivíduo deve se confrontar com a morte, a pessoa precisa viver a consciência iluminada com Deus, para auto confrontação porque se não, não vai haver a ressurreição.

Precisa-se confessar, precisa haver arrependimento genuíno, perdão, disciplina, confrontação, enfrentamento.

Senão vira PAPOTERAPIA

Disciplina é ter alguns pactos como um homem cego. É um compromisso com a pessoa em desenvolver um esforço para fugir, para se afastar daquilo que a faz pecar, a disciplina da vida:

1º. Prestar contas a alguém. (Um tempo em que a pessoa vai andar com o outro, percebendo que sozinha, ela vai ter muita dificuldade de cumprir). A pessoa precisa dar condições de ser confrontada.

A pessoa precisa reconhecer o seu limite, cuidar do seu jardim.

O que Deus diz ao homem: cuida do jardim, cabe ao homem, cabe à intenção, cabe ao raciocínio, cuidar do jardim que Deus responsabilizou a cada um.

A **idade cronológica** não indica a **idade psicológica**, muitos se desenvolvem fisicamente, mas tem outros desenvolvimentos que tem outras direções: desenvolvimento relacional, desenvolvimento psíquico, desenvolvimento psico-sexualidade.

Existem muitos, até líderes, que tem se comportado muito imaturamente.

LIVRO: Filhos em perigo**Ross Campbell**

Existem pessoas que não abrem mãos das coisas da idade, *'com 22 anos chupando o dedo'*.

O desenvolvimento humano é bastante complexo.

A maturidade é quando uma pessoa é capaz de responder com as situações e atitudes na faixa da sua idade, no caso de discussão de casais em uma discussão há uma regressão de um dos cônjuges e volta a fase infantil: se fecha, bico, mimo, mágoa, não, não tem nada, não aconteceu nada, fala!!! Não, não, não.... NÃO SABE CONVERSAR, RESOLVER, DIALOGAR, EXPOR SEU PENSAMENTO, O QUE NÃO CONCORDOU, O QUE O ENTRISTECEU!

A maturidade não é automática, é uma série de processos bastante complexos.

É importante entender que existem passos para isto acontecer, o projeto de Deus está sendo cumprido, e precisa-se ajudar a pessoa a perceber isto! A confissão é o primeiro momento fundamental, quando por questões éticas estão sendo colocadas – uma pessoa precisa ser estimulada a fazer uma reparação possível.

As vezes, não é possível, a pessoa envolvida morreu, ou mudou para outro país, mas sempre é necessário haver um reparo e incentivar uma reparação.

Pessoas adotadas e abusadas desenvolvem uma disfuncionalidade e muitas vezes isto é desenvolvido porque não tem a história da sua verdade. Todo ser humano tem o direito de conhecer a sua história.

Desenvolver uma disfuncionalidade, pessoas com o comportamento compulsivo é típico abusarem de irmãos, ou primos, gera uma deficiência que não permite uma normalidade em um desenvolvimento.

A reparação possível precisa ser feita, é fundamental.

Primeiro considerar que em relação de problemas éticos é a **CULPA**, se ela existe precisa trabalhá-la, se não existe precisa-se ajudar a pessoa a ver uma **culpa real, culpa apropriada**.

Lidar com uma consciência que trabalha com uma **culpa neurótica**.

Uma consciência que é típica dos cristãos, uma consciência que é rígida demais, comigo não, pode esperar que eu vou ser uma pessoa reta, e quando confrontada com uma situação de erro ou engano elas são levadas a amadurecer.

Uma consciência desprovida de valor leva a pessoa a uma **culpa apropriada**:

“A culpa apropriada está envolvida a questão do livre arbítrio, eu pude escolher frear ou não frear, e escolhi não frear, e 3 pessoas morreram”.

Culpa apropriada está associada ao que a pessoa causou, e violou o que ela prezava a segurança dos amigos dela.

A pessoa não se perdoa, não sente o perdão de Deus, é neurótico obsessivo.

Quando o processo da pessoa é muito neurótico, ela não vai responder bem ao aconselhamento, se depois de um tempo você perceber que a pessoa não tem mudança, ela precisa ser encaminhada à um tratamento de psicoterapia, a imagem distorcida dentro dela, por isso, durante a ministração vai ser necessário lembrar que você não é mais poderoso do que Deus, Ele te perdoou. Se Ele te perdoou, se perdoe e aceite o perdão de Deus.

Todos nós somos portadores de ‘neuroses’, mas quando se evolui para situações ou em quadros desfavoráveis pode chegar a uma psicose, a loucura, para viver uma situação de bem você tem que viver uma situação favorável de neurose equilibrada, a sua postura vai te colocar em um lugar de neurose, a neurose é como a tuberculose, todos nós somos portadores da condição favorável para desenvolver a tuberculose, assim também a neurose, mas tem “*neuróticos de carteirinha*”.

Uma característica de um neurótico, é a repetição improdutivo, a repetição improdutivo e desnecessária, uma repetição neurótica, causa um sofrimento psíquico, um desconforto psíquico, na relação, mas não sabe como mudá-la, você repete as reações; sabe que está sofrendo e fala de novo ou faz de novo. Neurose, uma repetição da palavra de Deus, repetições improdutivas, desnecessárias, processos que não são concluídos na neurose, pessoas que trazem a situação a tona vez após vez, após vez.

Salmos 103 por outro prisma

1 ao 8 todos nós sabemos de cor, no verso 8 começam algumas características de Deus.

Graças a Deus, Deus não é neurótico, primeiro não repreende perpetuamente, e nem consecutivamente.

Uma das características do neurótico é repetir, uma vez que Deus fala e disciplina – acabou!!!

Todos nós somos neuróticos, porque crescemos em uma família que vivem repetindo e Deus não é assim, não repete; uma vez que falou – acabou!

“A ira” – casais neuróticos, vez após vez, traz a situação a tona.

Já foi desenvolvida e resolvida e vem de novo com a mesma história.

Se você nasceu em uma família humana é natural você ser criado sobe neurose, agora o problema é o desequilíbrio neurótico.

Não repreende perpetuamente.

Não reserva para sempre a sua ira.

Não nos trata segundo os nossos pecados.

Não nos trata segundo o que nós fizemos.

As pessoas querem que as outros sintam a dor exatamente como sentimos.

Deus não é neurótico porque Ele não nos trata segundo o que fizemos, não nos retribui segundo as nossas iniquidades.

Deus não nos considera segundo o nosso histórico de sombras, mas Ele afasta a sombra de nós e nos olha segundo o caráter de Jesus.

Conhece a nossa estrutura.

Salmos 103:14 – de alguma maneira vamos sempre procurar o ponto fraco do outro e Deus não.

Somos bemvidos às características do ser humano – neuróticos, mas remidos por Deus, é natural para a cultura humana.

Todos nós estamos imersos em um sistema neurótico.

Natan é boca de Deus a Davi, dizendo “você fez isto aos ocultas, mas Eu farei isto às claras”, mesmo assim marcar uma posição de não repetitivo, de não pagar com que merecíamos.

Dar a outra face é a forma de Deus dizer não responda neuroticamente, não responda da forma desejada por todos.

Qualquer sistema causa neurose, vai te levar a uma sessão esperada pela cultura, crescimento, etc.

Existem movimentos que podem ser entendidos como processo de cura. Você tem consciência do que você tem causado à tua esposa, você está causando, você está traindo um pacto, uma aliança firmada com ela.

A igreja pode inchar, mas não crescer pelo pecado oculto que há nela, a igreja precisa ser confrontada em amor, enfrentamento!

O perdão precisa ser ministrado, você não está inocentado do seu pecado, mas quando você confessa você está perdoado. Eu absolvo você, em o nome de Deus, lhe digo você está perdoado, a aquele que se arrepende, aquele que confessa, Deus considera-lhe perdoado precisa proferir a palavra do perdão, o Senhor te perdoa, precisa usar isto, a pessoa precisa aprender a perdoar-se.

Tem que haver restituição se for possível, tem que haver mudança de comportamento e tem que haver reconciliação também.

A confrontação positiva gera uma auto confrontação benéfica para a pessoa continuar meditando, sendo trabalhada pela palavra.

Zaqueu teve uma auto-confrontação.

Pela confrontação de Jesus, ele teve uma interiorização que concluiu em restituir quatro vezes mais a quem tinha roubado.

Se você é um aconselhador muito passivo, e tranqüilo, a confrontação não vai ter o tom que deve ter, ela não vai ajudar a pessoa a mudar.

Muitas vezes no aconselhamento os níveis de saúde podem ser alcançados.

1º. A confissão precisa de acontecer (com arrependimento).

2º. Acontecendo, sendo percebida a relação de arrependimento no sim e ministrar perdão sobre a vida desta pessoa. O lugar de Abraão que Deus nos deu – de “abençoar e ser abençoado”.

3º. Existe também uma posição de disciplina, não minimize o problema.

É relevante quando falamos de renunciar, renunciamos a nós mesmos.

É necessário quando o aconselhador experimenta o remédio que prescreve aos outros.

1º. Todos somos pecadores.

2º. Estamos imersos a uma cultura neurótica.

3º. Vivemos em uma relação disfuncional.

Encontre uma pessoa a quem você confessa isto para continuar, é necessário, escuta humana, é necessário confessarmos de tempos em tempos à Deus.

Salmos 131

Uma certa satisfação masoquista para repetir a situação, uma satisfação confirmada do próprio ato de sustentar a culpa.

O conselheiro tem que estimular a feitura de uma carta que deve ser escrita e lida pelo aconselhador, que precisa ser uma pessoa com muita confiança e com um cuidado muito grande no julgamento do que vai ouvir ou ler.

Prescrever uma tarefa que já ajude na mudança de comportamento; gerar um confronto e levar a pessoa a ver o desconforto que leva a pessoa a repetir o pensamento que faz mal.

Você vai pensar deliberadamente das 8hs as 9:30hs, forçar a pessoa a isto, é na verdade uma tarefa para fazer a pessoa usar o arbítrio, que ela tem para sair da patologia da repetição.

Convidar uma terceira pessoa para intervir o caso e lembrar do pacto do sigilo e isto não vai funcionar com pessoas muito neuróticas.

Jesus uma pessoa completamente humana.

Em carne e sangue teve relacionamentos, requeria amigos.

Quantos que tem dificuldades em confrontar.

Muita gente com consciência mais confusa pode ser ajudada pela igreja, primeiro por um aspecto de educação.

Segundo por um aspecto de discipulado, que traz muita saúde.

Terceiro a vivência em pequenos grupos na igreja pode ajudar as pessoas a terem uma relação com princípios éticos necessários.

Quando a culpa neurótica não é patológica é importante a postura acolhedora; em segundo lugar a pessoa precisa ser confrontada por um momento com a culpa real. (precisamos aprender a sermos misericordiosos conosco mesmo).

É uma tarefa para o Espírito Santo de Deus em nossas vidas, porque sozinhos nós não conseguimos.

Uma das coisas mais difíceis é lidar com pessoas que tenham consciência rígidas – conduta ilibada.

O segredo tem um potencial absoluto de fortalecer a mentira, tem que haver uma confrontação.

A ausência da confissão não leva o sujeito a experimentar a purificação. **1 João 2:9; 1:5-10**

1º. Tente reforçar os pequenos ganhos da pessoa.

2º. Reforce os limites da pessoa.

Situações críticas que é aquela que aparece quando aparece uma crise existencial.

1ª. Perda da fé

A crise existencial habitualmente aparece porque há uma crise de sentido na sua vida, e aí o sentido da vida dela desaparece – VAZIO EXISTENCIAL, quando não há sentido, não há significado o processo para isto é que a pessoa tem que ser estimulada a ter sentido, a ser renovada.

Os sentidos que mantenham a vida da pessoa não são mais significativos na vida da pessoa.

1º. Estimular sentidos criativos na vida da pessoa, estimular a pessoa a buscar coisas prazerosas que tenham um caráter criativo.

2º. Estimular a buscar valores da experiência dela.

3º. Valores da atitude é impossível de ser ensinado, e você pode orar como quem crê, e buscar a palavra e demonstrar como quem está impactado na tua vida.

Muitas vezes a pessoa fica abalada pela crise do outro, você precisa ter uma fé consistente mesmo que o outro entre em uma crise existencial.

Crises de fé e crises existenciais.

Uma consciência sábia.

Na comunidade a saúde vai ser deslocada para um desenvolvimento.

O aconselhamento.

1º. O aconselhador deve sempre examinar-se a si mesmo.

2º. Precisamos nos dar conta que não basta apenas falar com Deus e confessar à Deus, precisamos prestar contas sobre alguém que é humano, que faz parte do nosso jugo humano.

3º. E isto é parte do caminho estreito: A igreja precisa de conselheiros que aprendam a ser confrontadores em amor.

Estimular e desenvolver na igreja confrontos para cura.

Um tribunal espiritual

Uma das estratégias do inimigo obviamente é apresentar às pessoas uma religião ausente de relacionamentos.

O que mais tem hoje são religiões ausente de relacionamento. Quando se pega o islamismo por exemplo, você nunca vai ver um muçulmano dizendo: “eu ouvi a voz de Alá”; não existe isso. Alá é uma força cega e distante.

E também uma coisa muito importante é que nós não podemos pensar na oração de uma forma apenas triunfalista, como se Deus fosse um balcão de supermercado e nós saímos pedindo as coisas, e Deus

passa a ser nosso servo e atender às nossas petições. Aquele que aparta o seu coração de ouvir a lei do Senhor, até a sua oração será abominável. Veja bem, tem orações que Deus, literalmente por amor a nós, Ele se recusa a ouvir e nos responder.

Então, não podemos pensar na oração apenas de uma forma triunfalista, orando, declarando, decretando e determinando coisas, sem estarmos devidamente calçados num discernimento de como o mundo espiritual funciona, e é isso que vamos tentar passar nessa parte da matéria.

Oração então, é relacionamento, e relacionamento com Deus é o que faz a vida espiritual funcionar, é o que ativa realmente o ministério profético e a função, o objetivo do nosso ministério.

No Evangelho de Lucas, Jesus colocou oração em 4 dimensões diferentes que determinam 4 chaves.

04 DIMENSÕES DIFERENTES DA ORAÇÃO

1ª DIMENSÃO DA ORAÇÃO: A parábola do fariseu e o publicano – **Lucas 18:9-14** – Quando você está lidando com os seus pecados, é muito importante você se aproximar de Deus reconhecendo Ele como Senhor, como Deus. A chave dessa dimensão da oração está na **humilhação**, é uma oração de humilhação, quebrantamento. (há um coração quebrantado e contrito – **Salmo 51:17**).

2ª DIMENSÃO DA ORAÇÃO: Oração do Pai nosso (**Mateus 6:9-13; Lucas 11:1-4**) – Quando Jesus ensina os seus discípulos a orar. Você se aproximar de Deus agora, não como Senhor, ou como Deus mesmo, Criador, Sustentador de todas as coisas, um Deus distante, não! Mas sim, trazer para perto – “PAI NOSSO”, onde você se aproxima de Deus como um filho para com o seu pai.

A chave agora não está na humilhação, mas sim na **intimidade**; é uma oração de rendição.

3ª DIMENSÃO DA ORAÇÃO: A parábola do amigo importuno **Lucas 11:5-13** – Jesus contando uma parábola que alguém chegou na casa de alguém, e ele não tinha como atender aquela pessoa, ele foi incomodar o vizinho amigo, para poder dar assistência àquele que chegou na sua casa. Ou seja, se aproximar de Deus como “amigo”. Uma coisa é você se aproximar de Deus como Senhor, outra é se aproximar de Deus como Pai, e agora, como Amigo. Você usa a credibilidade em favor de outro; a chave aqui está na **confiança** “depositada”, é uma oração de intercessão; por outrem.

4ª DIMENSÃO DA ORAÇÃO: A parábola da viúva e o juiz iníquo – **Lucas 18:1-8**; Aqui Jesus está aprofundando a conversa e nos ensinando a nos aproximarmos de Deus como juiz. Tem oração que nós vamos ter que nos apresentar diante de Deus, O reconhecendo como Juiz. Uma coisa é você se aproximar de Deus como Senhor, outra como Pai, outra como Amigo e agora como Juiz. E nós vamos ver que a chave dessa oração por incrível que pareça está no adversário. É uma oração de **reconciliação**, e a Bíblia nos diz: NO QUE DEPENDER DE VÓS, TENDE PAZ COM TODOS. **Romanos 12:18-19**

A primeira dimensão da oração é você se aproximar de Deus como Senhor – **Lucas 18:9-14**, onde Ele fala de 2 homens que subiram no templo para orar, um fariseu e outro publicano; e o fariseu estando em pé orava a Deus dessa maneira: “graças Te dou porque não sou como os demais homens, roubares, adúlteros, injustos, e nem ainda como esse publicano, jejuei 2 vezes na semana, dou dízimo, etc...”,

Jesus fala assim que o publicano porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os seus olhos, o homem não tinha ainda nem coragem de olhar para os céus, e ele batia no peito dizendo: Deus eu não sou digno de nada; tem misericórdia de mim pecador”, e Jesus fala que quem é que desceu justificado daquele lugar de oração? “ESSE QUE SE HUMILHOU”.

Ao olharmos para esta parábola, vemos que é difícil uma atitude tão errada como essa na oração. O que esse fariseu fez? Ele espiritualizou a arrogância, ele agiu com simulação, esse homem na sua religiosidade comparou, condenou, tentou provar para Deus o que era e até o que não era. É muito importante a gente entender esse princípio da justiça divina. Quem se exalta, será humilhado. E quem se humilha será exaltado.

O princípio mais elevado de prosperidade genuína é humildade – porque Deus exalta aquele que se humilha!

Você pode estar com a sua vida apodrecida, destruída; você pode estar arrepentado na vida, mas, a sua atitude de humilhar-se, pode te justificar diante de Deus!

A gente tem vários exemplos assim na Bíblia. Quando Naamã decide se humilhar. **2 Reis 5:1-14**

O exemplo de Davi, quando ele rasga publicamente suas vestes diante de Deus: Pequei diante de Deus. **2 Samuel 12; 1 Crônicas 21.**

O exemplo de Ezequias, quando ele chora, se humilha; diante da sentença que ele havia recebido de que ele morreria. **2 Reis 20**

A humilhação muda sentenças.

A segunda dimensão da oração é essa: NÓS NOS APROXIMAMOS DE DEUS RECONHECENDO ELE COMO PAI. E a base dessa oração é você honrar, é você santificar o PAI.

O coração dessa oração está na rendição; “seja feita a Tua vontade”; essa posição de filhos estabelece o mais elevado nível de favor. Então, as nossas necessidades, desejos, devem estar profundamente alinhados com os interesses do Reino de Deus. Então é uma oração de intimidade; relacionamento, comunhão!

O interessante é que quando olhamos para essa oração, é uma riqueza tão grande nessa oração, hoje não vamos abordar esse prisma, mas quando Jesus fala sobre essa oração em **Mateus 6:7-14**, Ele fala que nós não seríamos ouvidos pelas nossas muitas palavras; e Ele fala exatamente porque, Deus sabe o que de fato nós necessitamos. Na verdade, existe uma diferença muito importante de ser discernida, entre necessidade real e necessidade sentida.

Nem sempre as nossas necessidades sentidas coincidem com as necessidades reais; as vezes você pensa que você está precisando de uma coisa, mas você está precisando de outra; e Deus sabe disso, você não!

Muitos aprendemos que deveríamos ser muito detalhista na oração; Deus eu quero algo, assim, assim, assim, desse jeito, desse, desse, e dar todos os detalhes; mas na verdade; quanto menos detalhista você for, melhor é.

Quando você aprende sobre o direito de entregar, vamos dizer assim, essas prerrogativas para Deus e deixar com que Ele olha para você é a melhor decisão, essa é a melhor decisão. Porque não tem ninguém que sabe mais o que de fato é bom para nós, do que Deus! Quando você começa a colocar muitos detalhes na sua oração você começa a atrapalhar a Deus e Ele vai te ouvir... dificilmente a sua escolha vai superar a dEle.

A terceira instância da oração é você se aproximar de Deus como um amigo – essa famosa parábola, quando Jesus fala assim: Qual de vós terá um amigo, e se for procurá-lo à meia noite, e lhe disse: Amigo, empresta-me 3 pães, pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, não tenho o que apresentar-lhe, e se ele responder, de dentro dizendo: Não me importunes, a porta já está fechada, já estou dormindo..., Jesus fala que nem que seja por causa da importunação, mas, essa pessoa vai se levantar e vai dar não só o que for pedido, mas tudo o que for necessário.

É interessante que nessa instância da oração, a gente percebe aqui um princípio de intercessão. A MOTIVAÇÃO É ABENÇOAR A OUTRÉM. Você procura ajuda de um amigo para ajudar a um outro amigo que precisa da sua ajuda; porque os seus interesses estão relacionados com o outro e não com você. É lógico que quando a gente pensa nesse tipo de oração, a grande chave aqui, tem a ver com a amizade. Uma das principais linguagens dessa oração é amizade. E tem muita gente que Deus quer ajudar através da nossa ajuda. Amizade é constituída de créditos, tem níveis. Então, esse crédito que você tem com aquela pessoa te dá a liberdade de incomodá-la. Então, tem pessoas que às vezes, você tem uma liberdade tão grande com ela, você tem um crédito, você tem um lastro tão grande no relacionamento, que você... vamos dizer assim: “Puxa vida...”, dá para você chegar lá e de vez enquanto importuná-la, porque? Por que você não é qualquer um, você é um amigo. Então, a gente observa isso em algumas situações da Bíblia, lá o caso de Abraão, de Ló; ou seja, o pedido de um amigo; o caso de Davi e Jonatas;

Mas o ponto que queremos chegar é a oração nessa dimensão – quando nós vamos nos aproximar de Deus, discernindo que, Deus, Ele está agindo como um JUIZ – isso está em **Lucas 18:1-8** e esse é o interesse na nossa matéria, porque aqui é muito importante você discernir os conflitos. Porque na maioria das vezes que isso ocorre, nós estamos lidando com conflitos – existem conflitos! E as coisas se tornam um pouco mais complicadas, e aqui, que muitas vezes esse discernimento que vamos tentar compartilhar aqui, como que isso ativa; quando a gente tem essa sensibilidade ou o ministério profético, porque o profeta é essa conexão entre o céu e a terra na perspectiva do tribunal divino. Por exemplo, a gente muitas vezes, vê, os profetas comunicando sentenças. A Bíblia fala que Elias orou e por 3 ½ anos não choveu (**1 Reis 17:1; Tiago 5:17-18**), então, ele vinha ali confrontando os crimes do governo de Acabe e Jezabel, e Acabe e Jezabel cada vez mais endurecendo o seu coração, e chegou uma hora em que realmente Elias, passou a ser a voz do Tribunal de Deus na face da Terra. E ele fez uma oração, que parece até ser uma oração contrária, e era uma oração necessária; porque estava lidando com crédito de injustiça de um governo que abriu uma estação de caça aos profetas de Deus, e Acabe e Jezabel estavam até o pescoço no sangue dos profetas.

Jesus conta a parábola do juiz e da viúva, e a viúva apela, “faze-me justiça com o meu adversário”, e é interessante que o contexto essencial dessa parábola – Jesus fala aqui, sobre perseverança na oração; porém, muitos outros fatores precisam ser considerados. Porque fazer justiça, quando o clamor dessa viúva, quando ela fala assim: FAZE JUSTIÇA PARA MIM.

Fazer justiça não é uma coisa simples. Um conflito. Quando você tem uma questão judicial, você tem um conflito, e um conflito tem muitos ângulos, muitas quinas, muitos lados. Inclusive o lado do teu adversário; as vezes tem o seu lado, mas também existem as razões e o lado do outro, inclusive tem até o lado do juiz.

Um juiz não pode ter a “imparcialidade comprometida”. Olha só. Um juiz que em Sua família, em sua infância, sua mãe sofreu muito abuso; cresce debaixo de brigas, injustiças, agressões, violências

familiares – quando tem um caso de uma situação conjugal, ele não pode tomar o lado da mulher logo de cara! Ele não pode entrar já com preconceito.

Muitas vezes o juiz já toma um lado antecipadamente; agindo sempre com um pré-conceito, pela sua história de vida.

Quantos já precisaram de lidar com algum tipo de adversário, ou adversidades? Todos nós.

Adversário no trabalho, na empresa, na igreja, na família, na nação, na escola, na faculdade.

Qual é o principal motivo de projetos fracassados? São conflitos.

Muitas vezes você tem um projeto, você tem um ministério. E de repente você começa a não chegar onde você poderia ou deveria chegar. De repente estão acontecendo e estabelecendo âncoras, te prendendo, te amarrando de alguma forma. E isso sempre terá implicações espirituais. Então, existem situações, quando a gente fala de um conflito, obviamente são situações que carregam expectativas divergentes. Às vezes ali, você tem um conflito relacional; às vezes no meio daquela situação que você está lidando, tem uma ilegalidade, tem pendências espirituais, tem feridas conjugais, familiares, geracionais, territoriais, financeiras, e essas situações elas não vão se resolver tão facilmente, através de uma oração que você faz!

Envolve uma outra instância, que essa instancia JUDICIAL – um juiz, um tribunal precisa julgar aquilo.

Então, pense na posição de Deus, quando 2 pessoas estão orando a Ele de forma divergente – vamos dizer: “um conflito eclesiástico”. Um está orando para Deus fazer justiça, e o outro está orando também para Deus fazer justiça – QUEM QUE DEUS VAI RESPONDER? Não sei se você está entendendo o que estou querendo dizer.

Lembra lá o conflito entre Sara e Agar, que foi um dos conflitos que mudaram o rumo da história humana. Quem Deus vai ouvir? Sara ou Agar? Você vê ali que haviam muitos pontos de vistas. E nesse sentido, logico; você não pode só se basear num ponto de vista, mas você precisa ter a vista dos pontos e saber como lidar com isso tudo.

Então Jesus fala sobre a importância de orar sem desfalecer.

Quando Ele conta essa parábola, deixando claro que esse processo pode se tornar mais longo e confrontador do que imaginavam.

Porque de repente, você se vê dentro de um conflito, dentro de uma demanda, dentro de uma disputa, de um pleito com alguém, e na verdade tem obstáculos, mentiras, situações que precisam ser removidas dentro de nós; Então o processo desse, devido o processo legal, vai ser um instrumento poderoso de Deus para nossa transformação.

Nós temos que suportar o processo judicial. Então, a história aqui, resume-se, num conflito entre uma viúva e o seu adversário. Nós não temos aqui os detalhes desse conflito, porque, é uma parábola que Jesus está dizendo, mas parece complexo. O fato dessa mulher ser viúva; ou seja, não tem um marido para protegê-la, isso chama a atenção de Deus em seu favor, porém, existe o lado do seu adversário – um juiz injusto, um juiz iníquo. Então, nessa instancia Jesus coloca a oração no Reino, na dimensão de você recorrer a Deus como um JUIZ.

Muitas vezes passamos por situações que temos que recorrer a um juiz, e para isso precisamos estar disposto inclusive submeter-se ao tratamento de Deus.

Na 1ª instância nos aproximamos de Deus reconhecendo-O como Senhor.

2ª – como Pai

3ª – como Amigo

4ª – como um Juiz.

Então, nessa parábola do juiz iníquo, obviamente, Jesus não está dizendo que Deus é injusto, porque aqui é o injusto juiz, não é esse paralelo que a fala de Jesus ensina; mas sim, ele está dizendo, se até um juiz injusto resolveu um caso para não ser importunado, muito mais Deus, o Juiz de toda a terra, tem o interesse de fato de desembaraçar nossa vida, desfazer os nós que foram feitos. A natureza de Deus é essencialmente justa e reconciliadora.

Eu não sei se você já percebeu alguma situação em aconselhamento (eu trabalho muito com aconselhamento, sempre trabalhei; sempre fiz muitas mediações, já lidei muito com conflitos de todas as espécies); as pessoas te procuram com conflitos conjugais, ministeriais, situações que ficaram pendentes na justiça; então, de repente você está aconselhando a pessoa num processo que é complicadíssimo. Eu não sei se você já percebeu isso, mas algumas situações de aconselhamento, oração, libertação, enfermidades, envolve um conflito espiritual que impede uma resposta imediata de Deus.

De repente não vai vir uma resposta imediata de Deus!

Às vezes até muito pelo contrário, então, como conselheiros e intercessores, nós sentimos isso claramente no nosso espírito; ainda que não estejamos entendendo totalmente a situação, você percebe que tem algo ali!

Precisa de ser tratado, então, esse conflito, quando a gente pensa nessas situações, envolvem PLEITOS, que eles não vão se resolver espiritualmente, de uma maneira tão fácil, e muito menos o TEMPO! Não vai se resolver de uma maneira tão simplista como a gente gostaria que fosse, então, nós dependemos de um veredicto do tribunal de Deus.

Quando falamos do tribunal de Deus, onde Ele se assenta como juiz, esse é um assunto central nas escrituras. Tribunal de Deus. A Bíblia começa assim, com o julgamento de Adão, e termina com o julgamento das nações, de toda humanidade.

É impressionante a quantidade de julgamentos que existem na Bíblia.

A Bíblia fala que os juízos de Deus estão em toda a terra (**Salmos 105:7; Apocalipse 19:2**).

Então, Deus está sempre corrigindo os rumos da raça humana, das nações, e quando a gente pensa então num tribunal, o tribunal é um lugar tenso; onde se tem ali, uma hábil disputa de argumentos, apresentação de evidências, testemunhos que defendem, que acusam, é uma guerra aberta entre defesa e acusação, todos esses conceitos inerentes a um tribunal, eles vêm das escrituras sagradas. Então, você precisa de um juiz, você tem uma bancada de defesa, você tem uma bancada de acusação; lógico, quando você vai julgar alguém que realmente está na posição de réu, para você ser imparcial, você tem que trazer realmente todos os lados dessa situação, e detalhes podem se tornar decisivos. Interessante, pegando esse mesmo exemplo, essa mesma palavra que é usada aí nesta parábola que Jesus conta dessa viúva, quando fala a palavra adversário: FAZE-ME JUSTIÇA DIANTE DO MEU ADVERSÁRIO, é a mesma palavra que Pedro fala lá em Sua primeira epístola **1 Pedro 5:8** (Sede sóbrios, vigia, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor bramando como leão, buscando a quem possa tragar), então, veja bem, que satanás, o adversário, a palavra aqui “adversário” atribuída a satanás, é a mesma palavra da parábola, e tem também o mesmo sentido – a palavra adversário, fala sobre um advogado de acusação, usando todos os argumentos possíveis, bramando como um leão, para te vencer, no tribunal de Deus! É muito importante a gente ter esse discernimento de como o mundo espiritual funciona, age. E

é impressionante, assim, por incrível que pareça, satanás é uma peça importantíssima no tribunal de Deus! Quando você vê lá, o julgamento de Jó, da casa de Jó, você pode observar já no primeiro capítulo de Jó, satanás está comparecendo numa audiência nos céus, se apresentando diante do Criador, do Deus Onipotente. Como é que você vai ter um julgamento, uma audiência de julgamento, a presença da promotoria, da acusação? A gente vê na Bíblia, vários julgamentos e sentenças espirituais, inclusive, desfavoráveis, é interessante.

Você se lembra da parábola de Jotão? **Juízes 9:7-15** – Jotão, foi filho de Gideão, e ele faz uma parábola sobre o seu irmão Abimeleque, porque esse Abimeleque matou 70 irmãos, fazendo um acordo com a cidade de Siquém, para governar sobre Siquém. E esse Jotão, foi o único dos 70 que escapou. E ele faz essa parábola então. E é interessante, aquela famosa parábola do espinheiro, mas venha uma sentença, olha só... vendo pois Abimeleque (esse que assassinou os 70 irmãos), governado 3 anos sobre Israel, suscitou Deus um espírito de aversão (**Juízes 9:23**) a Abimeleque e os cidadãos de Siquém, e esses se houveram aleivosamente contra Abimeleque, para que a vingança da violência praticada contra os 70 filhos de Jerubaal que é Gideão, e o seu sangue caísse sobre Abimeleque seu irmão que os matara e sobre os cidadãos de Siquém.

Veja bem, o Jotão, ele faz uma oração e de repente isso vai para o tribunal de Deus, e agora, 3 anos depois vem uma sentença, e a Bíblia fala que desse Tribunal, veio uma sentença. DEUS SUSCITOU UM ESPÍRITO DE AVERSÃO, que trouxe destruição sobre Siquém e Abimeleque. Olha como as coisas funcionam no mundo espiritual. Quando olhamos o julgamento de Nabucodonosor quando ele se orgulha dizendo: eu fiz tudo isso, por causa de mim. **Daniel 3:13-19; Daniel 4**; e de repente, ele perde a razão, e começa a pastar, enlouquece-se vem um julgamento sobre Nabucodonosor.

O julgamento do rei Belsazar, a queda de Babilônia **Daniel 5**; quando ele peca contra os utensílios do templo, faz toda aquela festa, e de repente vem uma mão e começa a escrever na parede: MENE, MENE TEQUEL pesado fostes na balança e achado em falta; e ali o reino dele acaba quase que instantaneamente.

O julgamento do credor incompassível. **Mateus 18:23-35**; quando Jesus conta essa história, indignado os seus, o entregaram aos atormentadores até que pagasse tudo o que devia.

Qual é a oração que ele fez, que depois de ter sido perdoado de uma dívida impagável, não perdoou o seu conservo? Qual oração que ele deveria de fazer? PERDÃO, será que só uma oração triunfalista, como ele sai desse jugo dos atormentadores. Imagina se uma pessoa como essa, com esse jugo te diz: ora por mim.

Hoje é impressionante como tem pessoas que estão dentro de prisões espirituais terríveis. Lembra da mulher encurvada de 18 anos dentro da sinagoga **Lucas 13:10-13**, Jesus fala que ela estava cumprindo uma sentença de satanás há 18 anos, e Jesus fala, não convinha pois libertar essa filha de Abraão que há 18 anos satanás a mantém cativa. Veja bem, que essa mulher estava cumprindo uma sentença espiritual de 18 anos, e Jesus foi lá e falou: agora chega! JÁ DEU.

Então, tem muitas pessoas, que estão realmente num processo que não é simples, não é só uma oração mágica que vai resolver uma ação judicial. Essa palavra adversário é a mesma em ambos os textos como já falei, é a palavra antidikos no grego que significa: um oponente em um caso judicial, aquele que impetra uma ação judicial contra você. Veja bem que esse é um termo jurídico, levando o conflito para uma resolução legal, então, isso deixa claro que o diabo está exercendo uma fiscalização e operando através de uma posição judicial reconhecida pelo tribunal divino, através de uma legalidade.

Obviamente, o diabo não pode fazer qualquer coisa que dá na cabeça dele, não pode chegar simplesmente nos destruir apesar que a vontade dele é essa, mas ele não vai deixar que prossigamos num propósito de Deus, caso caiba uma ação, ou recursos; judiciais contra nós, e hoje tem muitas pessoas que estão arrastando esses pesos.

Ele é tentador e acusador. (quem já viu o filme advogado do diabo), é muito importante entendermos, que o diabo, ele é (não sei se tecnicamente é correto dizer), mas ele é o advogado da vítima, ele é o promotor de justiça. Na verdade o promotor de justiça, não é que ele é o advogado da vítima, mas ele é aquela pessoa que zela pela lei; não é bem o advogado da vítima, mas indiretamente acaba sendo. Por exemplo, a voz do sangue de Abel acusando Caim no Tribunal de Deus (**Gênesis 4:10-17**), quando Deus fala: A voz do sangue do teu irmão está clamando À Mim desde a terra. Quem é a voz do sangue de uma pessoa assassinada?

Imagina satanás o acusador, aquele que nos acusa diante de Deus, e acusando Deus diante dos homens. A voz do sangue dos profetas, a voz do sangue de Nabote que Jezabel e Acabe derramaram (**1 Reis 21**), a voz que denunciava iniquidade dos filhos de Jó – **Jó 1:1-8**; o que, que satanás foi fazer no tribunal de Deus em relação à Jó? ACUSAR, ele é o acusador por excelência. Então precisamos aprender a lidar com essas acusações pendentes. O nosso avanço completo, ele só virá quando esse acusador for silenciado, não antes disso. É por isso que o Espírito Santo constantemente Ele está nos convencendo e nos guiando em confessarmos os nossos pecados; resolvermos os nossos conflitos. Ele sempre vai nos levar a isso. E tem situações que as pessoas vivem; temos acompanhado casos que as vezes a pessoa está anos e anos numa enfermidade, que percebemos que é uma coisa maligna, que a pessoa está com um problema, que na verdade é um aprisionamento emocional; vemos que tem uma exploração demoníaca naquele quadro; você vê cadeias que as vezes prendem financeiramente a vida daquela pessoa, e nós podemos trazer isso aí para a dimensão de uma nação. Aqui no Brasil a gente percebe; olha, muitas prisões tem caído sobre essa nação. Principados tem sido julgados aqui, é impressionante como a igreja está avançando e está destrancando muito portões do inferno, mas essas coisas não acontecem facilmente, nós estamos vendo a batalha que está acontecendo aí para gente lidar com alguns aprisionamentos, esse *establishment* nosso está preso há muito tempo, então, é necessário realmente um processo.

Mateus 5:25-29 – Jesus dizendo:

Jesus diz: Entra em acordo com o seu adversário rápido. Qual a chave desta instância? Lidar com o adversário.

Como você ora? Lidando com o adversário.

Quando alguém te procura apresentando pendências, lida com o seu adversário. Deixa a sua oferta no altar, e vai lidar com o seu adversário. Jesus fala: Enquanto estas com ele no caminho, para que o adversário não te entregue em juízo, e o juiz ao oficial de justiça e sejas recolhido na prisão. O que mais temos hoje, são cristãos que tem áreas da sua vida, que estão confinadas a aprisionamentos. Isso é o que mais acontece na igreja, e mais acontece na liderança.

Essas situações não vai ser uma oração mágica. As coisas têm que ser tratadas, resolvidas com os princípios corretos.

Então, se você está tentando prosseguir a sua vida espiritual sem resolver o que tem que ser resolvido, as vezes a coisa não vai funcionar, muita gente até se frustra com Deus nesse sentido.

Então é importante lidar com o adversário. E é interessante que a maneira então de nós prevalecermos com Deus.

A Bíblia fala assim – **Apocalipse 12:11** – e eles o venceram pelo SANGUE DO CORDEIRO, pela PALAVRA DO SEU TESTEMUNHO e mesmo em face da morte NÃO AMARAM A SUA VIDA.

Então aqui nós temos 3 princípios para derrubarmos realmente satanás dos “céus da nossa vida”.

3 princípios:

Obviamente: **SANGUE DO CORDEIRO**; onde a nossa fiança foi paga, mas precisa de ser validada. A **PALAVRA DO TESTEMUNHO**, que tipo de palavra você tem falado? O que é a Palavra do Testemunho? A VERDADE DITA COM VERDADE E SEM SEGUNDA INTENÇÕES, O FIEL RELATO DA MOTIVAÇÃO DO FATO, isso significa uma admissão corajosa de uma verdade que nos prejudica, que nos condena, que nos expõe; princípio do “réu confesso”. A principal estratégia de satanás para manter as pessoas num aprisionamento é esse: Olha... jogue toda a sujeira para debaixo do tapete. Chega uma hora que alguém vai ter que fazer a limpeza., mas a estratégia de satanás é: NÃO SE EXPÕE, e é aí que muitos estão perdendo a batalha, porque o sangue de Jesus não cobre pecados encobertos; mas ele cobre pecados descobertos – SE, ANDARMOS NA LUZ, COMO DEUS NA LUZ ESTÁ TEMOS COMUNHÃO UNS COM OUTROS E O SANGUE DE JESUS NOS PURIFICA DE TODO O PECADO. **1 João 1:5-9** Então, eles O venceram pela Palavra do Seu testemunho é isso **Apocalipse 12:11-12**. É a verdade dita com verdade, é você se expor, confessar, falar a verdade.

Foi o que Davi fez, quando ele estava magistrando, mas de repente, ele foi da cadeira do juiz, para o banco dos réus, e Natã conta aquela história para ele expondo o pecado, e ali ele se humilha publicamente dizendo: Pequei contra Deus. Se expõe, e a partir dali o profeta diz: Não morrerás (ali virou uma chave no tribunal de Deus) **2 Samuel 12:13-31**, e também, a Bíblia fala assim: Mesmo em face da morte não amaram suas vidas. **Apocalipse 12:11-12**

Quando você cala, o inimigo fala.

Quando você esconde os seus pecados, o inimigo prevalece.

Tem um ditado da medicina que diz assim: QUANDO VOCÊ CALA O CORPO FALA.

E quando você fala o corpo sara.

Tem muitas pessoas que são curadas pela confissão.

A pessoa tinha que ter muita coragem para contar! Tem pessoas que tem deficiências, cega, surda, e na confissão começa a enxergar. Quando a Bíblia fala sobre não amaram suas vidas até a morte, isso fala de um arrependimento genuíno, seguido de quebrantamento, lidar com as pendências do conflito.

Frutos de arrependimento. Então, tem situações que nós vamos ter que discernir que tem um processo; tem um processo. Nós vamos ter que nos achegar a Deus entendendo que ele está julgando a situação e a chave está em lidar com o nosso adversário.

Vamos ficar com esse entendimento.

A DOR DO PROCESSO É A MESMA QUE NOS CURA, NOS FORTALECE, NOS AMADURECE

Não existe sucesso sem processo; e tem fases na nossa vida que a subida é íngreme.

TAREFA DO MÊS

- Ler a primeira parte do livro: “**Ética Cristã – alternativas e questões contemporâneas**” – Norman L. Geisler da Editora Vida Nova das páginas 01 até 117.
- Ler o capítulo 1 do livro “**Aconselhamento Cristão – Edição Século 21**” – Gary R. Collins da Editora Vida Nova das páginas 01 a 26.

BIBLIOGRAFIA

- **Aconselhamento Cristão** – Edição Século 21 – Editora Vida Nova – Gary R. Collins
- **Aconselhamento Cristão** – Os recursos terapêuticos da fé cristã para o cuidado da alma – Editora Vida Nova – Eric L. Johnson
- **Ética Cristã** – Alternativas e questões contemporâneas – Editora Vida Nova – Norman L. Geisler
- **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento** – Editora Vida Nova – Gary R. Collins
- **Aconselhando os casos difíceis** – Editora Peregrino – Stuart Scott e Heath Lambert
- **Homens aconselhando homens** – Nutra Publicações – Uma abordagem bíblica das principais questões que os homens enfrentam – John D. Street (organizador)
- **Mulheres aconselhando mulheres** – Nutra Publicações – Respostas Bíblicas para os difíceis problemas da vida – Elyse Fitzpatrick (organizadora)
- **Fundamentos teológicos do Aconselhamento Bíblico e suas aplicações práticas** – Nutra Publicações – John Babler & Nicolas Ellen